

Arte em contexto Rural
Residências Artísticas Temporárias em Foros de
Arrão

David José Marques de Oliveira

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitectura
(mestrado integrado)

Orientador: Prof. Rita Ochoa
Co-orientador: Prof. Inês Campos

Setembro de 2020

Dedicatória

Dedico a Deus, minha família e amigos de faculdade, com especial apreço a Fábio Matias, Gonçalo Rego e Tiago Ribeiro.

Agradecimentos

Às minhas orientadoras que sempre me apoiaram em todo o percurso académico.

Às equipas que integrei na NAUBI, sempre foi nossa visão quanto colectivo o desenvolvimento e o envolvimento da prática da arquitectura no mercado português, enquanto complemento de ensino académico, tentando unir o saber teórico com a realidade prática.

À população de Foros de Arrão, terra que me viu nascer e em que tive oportunidade de viver parte da minha infância. Agradeço especialmente pelo facto de uma população e um território me permitir moldar o meu carácter enquanto ser humano.

Um bem-haja.

Nota introdutória

Num tempo em que vivemos um panorama pandémico devido ao Covid 19, foi amplamente referenciado o facto de a população portuguesa ter procurado no interior do país lugares de refúgio, em busca de conforto e segurança. Em agosto, a Secretária de Estado do Turismo, Rita Marques, afirmava à agência lusa que, “*o turismo no interior tem registado uma maior procura em relação a 2019, devido à pandemia da covid-19*” (Lusa, 2020).

Constatando-se as fragilidades dos modelos urbanos vigentes e das grandes cidades (autor, data), confirma-se também o interesse colectivo em residir, mesmo que de forma temporária, no interior do país, situação esta que se verificou em tantos outros contextos, no panorama internacional. Esperando-se que estas movimentações possam ter impactos futuros, o trabalho aqui desenvolvido ganha maior relevância e justificativa. Espera-se assim contribuir para esta mudança, com um projecto académico que intervém no interior do Alentejo, mais especificamente na localidade de Foros de Arrão.

Resumo

A presente dissertação tem como principal objectivo a proposta de um espaço para Residências Artísticas Temporárias destinadas ao alojamento de artistas de diversas áreas e à produção de arte, em geral.

Este trabalho tem como ponto de partida a identificação da problemática do despovoamento de aglomerados habitacionais no interior em particular na aldeia de Foros de Arrão (Alto Alentejo, Portugal), recorrendo a dados obtidos por via dos Censos (2011).

Foi necessária uma metodologia baseada na observação participativa dos espaços desta aldeia para melhor se compreender estes dados e também quais as reais consequências provocadas por esta alteração demográfica. No âmbito desta observação, foram definidos percursos de análise, nos quais foi bastante perceptível o estado de abandono em que se encontra este território. Com base nesta observação, desde cedo se percebeu que existe a necessidade de intervir de modo crítico e sustentável.

A arte enquanto campo de actividade humana oferece diferentes oportunidades tanto individuais como colectivas. A possibilidade de se trabalhar a arte em rede pode apoiar contextos, gerar dinâmicas, contribuir para alterações migratórias e favorecer o estabelecimento de pessoas, mesmo que temporariamente, em zonas suscetíveis de despovoamento.

O presente trabalho aparece nos cruzamentos e nas dinâmicas que se podem gerar entre a arte e os seus contextos. Pretende-se assim compreender como a arte pode contribuir como elemento regenerador em espaços com estas características, e, por sua vez, como as características urbanas existentes podem potenciar a prática da produção de arte e a residência de artistas.

Palavras-chave

Residências Artísticas Temporárias; arte; contexto rural; despovoamento

Abstract

The main purpose of this dissertation is to propose a space for temporary residences to accommodate artists from different areas and to allow the production of art in general.

This work has its starting point in the identification of the population of housing clusters in the interior, particularly in the village of Foros de Arrão (Alentejo), by using data obtained through the Census (2011).

To better understand these data and also what are the real consequences caused by this demographic variation, a methodology based on the participatory observation of the spaces in this village was necessary. Within the scope of this observation, analysis paths were defined to better comprehend the state of abandonment in which this territory can be found. Based on the observation, it has been understood early in the process that there is the need to intervene in a critical and sustainable way.

Art as a field of human activity offers different opportunities, both individual and collective. The possibility of working with networked art can support contexts, generate dynamics, contribute to migratory changes and favor the establishment of people, even if temporarily, in areas affected by depopulation.

The present work follows the crossings and dynamics that can be generated between art and its contexts. The intention is to understand how art can contribute as a regenerating element in spaces with this characteristic and, how on the other hand, existing urban characteristic can enhance the practice of art production and fix artists on these locations/housing.

Keywords

Temporary artists Housing; art; context rural; depopulation

Índice

1	Introdução	1
1.1	Introdução	1
1.2	Objectivos	3
1.3	Metodologia	3
1.4	Estrutura da dissertação	5
	Enquadramento do Tema.....	6
2	Residência Artística.....	6
2.1	Conceito de Residência Artística Temporária	6
2.2	Caso de estudo: “Communal villa – Production and Reproduction Housing”	7
2.3	Síntese Conclusiva.....	12
2.4	Residências artísticas em Portugal (inventário)	12
2.4.1	<i>Síntese conclusiva – análise do inventário</i>	14
2.5	Intervir em contextos desocupados (análise de projectos)	15
2.5.1	<i>Parc de la villette</i>	16
2.5.2	<i>Parque Ribeiro de Matadouro</i>	20
2.5.3	<i>Parque Bicentenário Infantil</i>	24
2.5.4	<i>Parque Red Ribbon</i>	28
2.6	Síntese conclusiva das referências	32
3	Projecto de Residências Artísticas em Foros de Arrão.....	33
3.1	Aldeia de Foros de Arrão	33
3.1.1	<i>Núcleo Urbano Norte</i>	36
3.1.2	<i>Elementos simbólicos do espaço</i>	37
3.1.3	<i>Caracterização da área a intervir</i>	40
3.1.4	<i>Local de intervenção: confrontação com os instrumentos de gestão territorial</i>	41
3.1.5	<i>Eixos simbólicos e criação de percursos</i>	44
4	Projeto intervenção em Foros de Arrão	49
4.1	Descrição da proposta de intervenção urbana	49
4.1.1	<i>A Eira</i>	51
4.1.2	<i>Percurso Pedonal</i>	51
4.1.3	<i>Praça</i>	53
4.1.4	<i>Posto regional</i>	54
4.1.5	<i>Espaço Interpretativo</i>	56
4.1.6	<i>Parque Geriátrico</i>	57
4.1.7	<i>Estrutura Guia</i>	58
4.2	Projecto de Arquitectura	59
4.2.1	<i>Construção do conceito</i>	59
4.2.2	<i>Construção do programa</i>	59
4.2.3	<i>Descrição da proposta</i>	60
4.2.4	<i>Refeitório</i>	65
4.2.5	<i>Sala coworking e ateliers comunitários</i>	65
4.2.6	<i>Instalações Sanitárias</i>	66
4.2.7	<i>Dormitórios</i>	67
4.2.8	<i>Sala Polivalente</i>	68
4.2.9	<i>Galeria para exposições temporárias</i>	68
4.2.10	<i>Acessos Verticais</i>	69
5	Conclusões.....	70
6	Bibliografia.....	72

7 Apêndices.....	76
8 Anexos.....	92

Lista de Figuras

Figura 1 - Esquema síntese do projecto.....	xxv
Fonte: Elaborado pelo autor.	
Figura 2 - Ground floor plan.....	8
Fonte: https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0717-69962018000100044&lng=en&nrm=i.p&tlng=en	
Figura 3 – Ideogramas explicativos - Inhabitable wall	9
Fonte: Elaborado pelo autor.	
Figura 4 - Inhabitable wall - photo.....	10
Fonte: https://hiddenarchitecture.net/wp-content/uploads/2019/03/comunal-villa_10.jpg	
Figura 5 - Inhabitable Wall – perspectives drawings.....	11
Fonte: https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0717-69962018000100044&lng=en&nrm=iso&tlng=en	
Figura 6 - Página inicial da plataforma Resartis	13
Fonte: https://resartis.org/	
Figura 7 - Diagramas explicativos <i>Parc de la Villette</i>	17
Fonte: Elaborado pelo autor.	
Figura 8 - Diagramas explicativos - <i>Parc de la Villette</i>	17
Fonte: Elaborado pelo autor.	
Figura 9 - Planta esquemática <i>Parc de la Villette</i>	18
Fonte: Elaborado pelo autor.	
Figura10 - <i>Parc de la Villette, 2012</i>	19
Fonte: Fotografias da autoria de Arnaud Legrain.	
Figura11 - Diagramas explicativos <i>Parque Ribeiro de Matadouro</i>	21
Fonte: Elaborado pelo autor.	
Figura12 - Diagramas explicativos <i>Parque Ribeiro de Matadouro</i>	21
Fonte: Elaborado pelo autor.	
Figura 13 - Planta esquemática - <i>Parque Ribeiro de Matadouro</i>	22
Fonte: Elaborado pelo autor.	
Figura 14 - <i>Parque Ribeiro de Matadouro, 2013</i>	23
Fonte: Fotografias da autoria de Victor Esteves.	
Figura 15 - Diagramas explicativos <i>Parque Bicentenário Infantil</i>	25
Fonte: Elaborado pelo autor.	
Figura 16 - Diagramas explicativos <i>Parque Bicentenário Infantil</i>	25
Fonte: Elaborado pelo autor.	
Figura 17 - Planta esquemática <i>Parque Bicentenário Infantil</i>	26

Fonte: Elaborado pelo autor.	
Figura 18 - Parque Bicentenário Infantil, 2012.....	27
Fonte: Fotografias da autoria de Cristobal Palma	
Figura 19 - Diagramas explicativos <i>Parque Red Ribbon</i>	29
Fonte: Elaborado pelo autor.	
Figura 20 - Diagramas explicativos <i>Parque Red Ribbon</i>	29
Fonte: Elaborado pelo autor.	
Figura 21- Planta esquemática <i>Parque Red Ribbon</i>	30
Fonte: Elaborado pelo autor.	
Figura 22 - Parque Red Ribbon, 2007	31
Fonte: Fotografias da autoria de Turenscape.	
Figura 23 - Localização de Foros de Arrão.....	33
Fonte: Elaborado pelo autor sobre fotografia aérea do google maps.	
Figura 24 - Fotografia aérea - núcleo urbano norte, Foros de Arrão.....	34
Fonte: Fotografia da autoria de Carlos Rosa.	
Figura 25 - Planta de ordenamento do território, Foros de Arrão.....	35
Fonte: Elaborado pelo autor sobre a planta de ornamento.	
Figura 26 - Planta de ordenamento - núcleo urbano de Foros de Arrão	36
Fonte: Elaborado pelo autor sobre a planta de ornamento	
Figura 27 - Planta de ordenamento - Eixos viários rua Moinho de Vento e rua Avenida da Liberdade.....	37
Fonte: Elaborado pelo autor sobre a planta de ornamento.	
Figura 28 - Identificação de elementos simbólicos.....	37
Fonte: Elaborado pelo autor sobre a planta de ornamento.	
Figura 29 - Moinho de vento, 2020	38
Fonte: Fotografias cedidas pela Câmara municipal de Ponte de Sor.	
Figura 30 - Reservatório de água, 2019	38
Fonte: Fotografias do autor.	
Figura 31 - Igreja Paroquia de Santa Maria, 2010	39
Fonte: Fotografias da autoria de Daniela Lopes.	
Figura 32 - Escola primária de Foros de Arrão de Cima, 2020	39
Fonte: Fotografias do autor.	
Figura 33- Planta de localização - Área de intervenção urbana.....	40
Fonte: Elaborado pelo autor sobre planta de localização.	
Figura 34 - Fotografias no local de intervenção.....	41
Fonte: Fotografias do autor.	
Figura 35 – PDM Chamusca - Planta de condicionantes.....	42

Fonte: Elaborado pelo autor sobre planta de condicionantes do PDM de Chamusca	
Figura 36 – PDM Ponte de Sor - Planta de condicionantes	42
Fonte: Elaborado pelo autor sobre planta de condicionantes do PDM de Ponte de Sor	
Figura 37 - Planta de localização - Arruamentos analisados.....	44
Fonte: Elaborado pelo autor.	
Figura 38 Croqui rua Moinho de Vento.....	45
Fonte: Elaborado pelo autor.	
Figura 39 Croqui rua Sidónio Pais.....	45
Fonte: Elaborado pelo autor.	
Figura 40 Croqui rua Avenida da Liberdade	45
Fonte: Elaborado pelo autor.	
Figura 41 Croqui rua EN 243.....	45
Fonte: Elaborado pelo autor.	
Figura 42 - Rua do Moinho de Vento	46
Fonte: Elaborado pelo autor.	
Figura 43 - Rua Sidónio Pais	46
Fonte: Elaborado pelo autor.	
Figura 44 - Rua Avenida da Liberdade.....	47
Fonte: Elaborado pelo autor.	
Figura 45 - Estrada EN243.....	48
Fonte: Elaborado pelo autor.	
Figura 46 - Proposta de Intervenção urbana.....	50
Fonte: Elaborado pelo autor.	
Figura 47 – Nova Eira.....	51
Fonte: Elaborado pelo autor.	
Figura 48 - Identificação do percurso pedonal.....	52
Fonte: Elaborado pelo autor.	
Figura 49 - Alterações na rede viária.....	53
Fonte: Elaborado pelo autor.	
Figura 50 - Praça.....	54
Fonte: Elaborado pelo autor.	
Figura 51 - Posto Regional	56
Fonte: Elaborado pelo autor.	
Figura 52 - Espaço Interpretativo.....	57
Fonte: Elaborado pelo autor.	
Figura 53 - Parque Geriátrico	58
Fonte: Elaborado pelo autor.	

Figura 54 - Identificação da estrutura guia.....	59
Fonte: Elaborado pelo autor.	
Figura 55 - Organização volumétrica	60
Fonte: Elaborado pelo autor.	
Figura 56 - Quadricula utilizada	62
Fonte: Elaborado pelo autor.	
Figura 57 - Esquema de cheio e vazio	62
Fonte: Elaborado pelo autor.	
Figura 58 - Corte esquemático - eixos visuais.....	63
Fonte: Elaborado pelo autor.	
Figura 59 - Composição geométrica.....	63
Fonte: Elaborado pelo autor.	
Figura 60 - Corte ee`	64
Fonte: Elaborado pelo autor.	
Figura 61 - Corte dd`	64
Fonte: Elaborado pelo autor.	

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Comparação Censos 2001 e 2011 na região do Alentejo	1
Tabela 2 - Comparação censos em Foros de Arrão.....	1

Lista de Acrónimos

UBI	Universidade da Beira Interior
AFATI	Associação Forense dos Amigos da Terceira Idade
CMC	Câmara Municipal da Chamusca
CMPS	Câmara Municipal de Ponte de Sor
INE	Instituto Nacional de Estatística
OMC	Open Method of Coordination
PDM	Plano Director Municipal
PMOT	Plano Municipal do Ordenamento e Território
RAN	Reserva Agrícola Nacional
REN	Reserva Ecológica Nacional
SIGAA	Sistema de Informação Geográfica do Alto Alentejo
SMPS	Serviços Municipalizados de Ponte de Sor

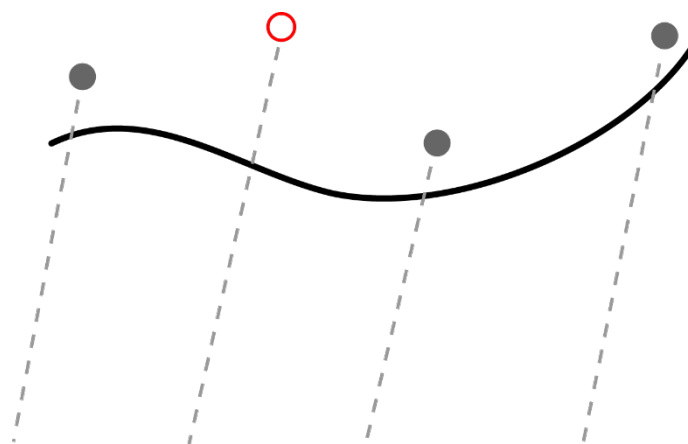


Figura 1 - Esquema síntese do projecto.

1 Introdução

1.1 Introdução

O Alentejo é a maior região em Portugal. Neste vasto território existem diversas realidades sociais, económicas, laborais e demográficas. Segundo os Censos de 2011, observa-se uma diminuição de 19 200 pessoas face à comparação com os censos de 2001 (tabela 1). Esta evolução negativa do número de habitantes pode ter variadas explicações; contudo é possível identificar, à partida, duas possíveis razões: a morte destas pessoas e/ou a migração (anexo I).

Territórios	Total	
	2001	2011
Alentejo	776.585	757.302
Baixo Alentejo	135.105	126.692
Alto Alentejo	127.018	118.506
Alentejo Central	173.654	166.726

Tabela 1 - Comparação Censos 2001 e 2011 na região do Alentejo

Foros de Arrão é um exemplo da situação que se verifica em várias aldeias alentejanas, sendo que a percentagem do número de indivíduos residentes tem vindo a diminuir. Desde 1991 até 2011 já se registou uma mortalidade de 350 pessoas (tabela 2), o que para uma realidade à escala de aldeia é significativo.

Anos	1991	2001	2011
Total	1267	1037	919

Tabela 2 - Comparação censos 1991, 2001 e 2011 em Foros de Arrão

Na aldeia de Foros de Arrão tem vindo a intensificar-se o fenómeno de despovoamento e a falta de oportunidades laborais em sectores secundários e terciários é motivo suficiente para que ocorra a migração para dentro e fora do país. Esta mudança populacional contribuiu para a degradação da aldeia, onde alguns edifícios chegam ao estado de ruína, contribuindo para o encerramento de estabelecimentos, serviços e transportes públicos, de modo a comprovar o impacto deste fenómeno na

aldeia elaborou-se um levantamento por via da observação directa no local e por conversas informais com populares, que visa comparar serviços e comércios activos e encerrados (apêndice I).

A carência destes bens e serviços obriga os residentes a deslocarem-se 30 km à cidade mais próxima, Ponte de Sor.

Torna-se assim premente pensar em estratégias que possam contribuir para inverter este problema e de valorização da aldeia. Para tal, é necessário criar uma estrutura que as motive pessoas a se fixarem na aldeia. Pensando numa abordagem centrada na cultura e observando alguns espaços já existentes no concelho, encontramos o Centro de Artes e Cultura de Ponte de Sor e o Centro Cultural de Montargil.

Ambos os centros realizam regularmente eventos, conferências e exposições culturais, são edifícios públicos e oferecem um conjunto de espaços direccionados ao uso da população, tais como espaços para eventos musicais/culturais diversos, bibliotecas, exposições, entre outros.

Embora sejam espaços que potenciem a sustentabilidade local, estes edifícios não possuem condições para a produção de arte e para o alojamento de artistas.

Neste sentido, a estratégia aqui definida visa a criação de um espaço cultural de Residências Artísticas Temporárias em Foros de Arrão, com objetivo criar oportunidades e condições para artistas poderem impulsionar e desenvolver trabalhos de criação artística e explorarem eventualmente outros campos de intervenção no território, naturalmente impulsionando dinâmicas que possam favorecer sustentabilidade local.

1.2 Objectivos

Face ao exposto, a presente dissertação visa obter os seguintes objectivos:

1. Contextualizar geograficamente e demograficamente a aldeia de Foros de Arrão.
2. Analisar obras arquitectónicas de referência e outros espaços de Residências Artísticas Temporárias em Portugal relacionados com a intervenção a propor, procurando perceber as necessidades de um espaço com estas características e de apontar caminhos projectuais.
3. Estudar o contexto urbano existente, através de uma análise gráfica, com o objectivo de contextualizar e justificar a proposta desenhada.
4. Elaborar uma proposta de desenho urbano, que vise os seguintes aspectos:
 - 4.1 Estabelecer ligações de percursos entre os diferentes elementos simbólicos do lugar.
Com o intuito de potenciar a mobilidade pedonal e o uso colectivo do espaço público proposto.
 - 4.2 Gerar elementos de continuidade entre diferentes espaços da envolvente.
 - 4.3 Propor espaços de uso colectivo que dinamizem espaços atualmente abandonados.
5. Elaborar uma proposta de desenho arquitectónico, que vise os seguintes aspectos:
 - 5.1 Propor um edifício de Residências Artísticas Temporárias que tem como objectivo a dinamização do território pela sua capacidade de receber e oferecer condições à produção artística.

1.3 Metodologia

Identificado o problema de despovoamento na aldeia de Foros de Arrão, houve a necessidade de apresentar uma proposta que contribuísse para a valorização do lugar.

Para a concretização de um caminho metodológico foi necessário focar o estudo no tema “*Residências artísticas temporárias em Foros de Arrão*”, de modo a estabelecer uma relação coerente entre três aspectos: a malha urbana da aldeia, a proposta de intervenção urbana e o edifício de residências. Para tal estipularam-se critérios fundamentados no ordenamento do território, topografia da aldeia, limites urbanos, arruamentos e elementos simbólicos.

Com os pressupostos gerais definidos, procedeu-se à recolha e selecção de documentos (livros, artigos, publicações periódicas, informações online) considerados relevantes para o enquadramento geral do tema. Como guias orientadoras, seguiram-se os objectivos antes estabelecidos, desde gerais até ao específicos, de modo a que o estudo culminasse na concretização da proposta projectual para Residências Artísticas Temporárias.

Iniciou-se o estudo de investigação pela abordagem de conceitos e definições de residências artísticas e indagou-se a origem deste tipo de residências, tendo em vista a influência e as interações deste tipo de programas com o espaço urbano.

Optou-se ainda por analisar com maior detalhe um caso de estudo, o exemplo da “Communal villa - Production and Reproduction Housing” por se tratar de um projecto teórico e conceptual com um programa plurifuncional por se tratar de um projecto teórico e conceptual com um programa plurifuncional, de resolução modular e pela sua capacidade de adaptação face às diferentes necessidades dos utilizadores. Todas estas valências conceptuais vistas num âmbito geral contribuiram para a definição do ponto de partida do exercício projectual.

Com o fim de perceber casos de residências artísticas no contexto português, alargou-se a investigação, resultando num levantamento em formato de inventário. Neste, esquematizaram-se um conjunto de pontos de análise: localização, tipologias, programa, abordagem à mobilidade condicionada, utilizadores. Como fonte bibliográfica, utilizou-se a plataforma online resartis.org, onde é possível encontrar, à escala mundial, todas as residências artísticas oficiais, pertencentes a esta rede digital.

Procedeu-se ainda à investigação de 4 casos de estudo, que pudessem de referências para o projecto, os quais foram escolhidos tendo em conta a dimensão pretendida, as relações físicas, espaciais com os respectivos contextos e ainda o tipo de programa que se pretendia, à partida, desenvolver.

Com recurso à documentação online recolheu-se as informações teóricas (memórias descritivas, textos explicativos) e gráficas (esquissos, plantas técnicas, ideogramas), destes projectos.

Relativamente ao projeto (urbano e arquitectónico) foi necessário reunir documentos tais como cartografia, instrumentos de gestão territorial, plantas topográficas, sendo paralelamente definidas possíveis zonas de intervenção. Nesta fase, foi possível circunscrever em termos gerais a zona para a implantação do programa projectual à escala urbana 1.1000, atendendo aos critérios de consolidação urbana e de relação com os eixos viários predominantes.

Tendo em conta a análise “bidimensional” que permitiu a escolha da zona de intervenção, foi depois necessário conhecer a realidade no terreno. Procedeu-se assim ao contacto com o território e à observação directa do espaço, procedendo-se ao registo fotográfico e desenhado do mesmo, permitindo compreender a escala tridimensional, a presença de elementos simbólicos, as relações entre os vazios e cheios, os arruamentos que comunicam com a zona de intervenção, os fluxos de movimentos pedonais e automóveis, as confrontações de edifícios, as infraestruturas existentes, o posicionamento geográfico e solar.

Com estes dados, tornou-se ainda mais evidente que a zona de intervenção é um território num contexto desocupado, não tendo quaisquer usos ou funções associadas.

Após o tratamento dos dados elaborou-se a análise urbana através de análise gráfica, definindo as primeiras intenções de projecto à escala urbana.

Finalmente, para o projeto de arquitetura recorreram-se a metodologias de projecto, tais como realização de diagramas e desenhos exploratórios e conceptuais, fotomontagens, desenhos à mão levantada e rigorosos, apoiando a proposta de Residências Artísticas Temporárias.

1.4 Estrutura da dissertação

A dissertação organiza-se fundamentalmente em quatro momentos: 1) a explicação do problema (sobre o despovoamento); 2) o enquadramento geral do tema e do programa a trabalhar (sobre Residências Artísticas Temporárias); 3) a análise urbana (sobre a aldeia); 4) e a proposta (sobre o projecto das residências artísticas na aldeia de Foros de Arrão).

Por sua vez, no presente documento, estes quatro momentos são agrupados em duas partes:

- A Parte I (enquadramento e análise)

O capítulo 1 aborda o problema de despovoamento na aldeia de Foros de Arrão, no qual apresenta dados relativos às evoluções demográficas no território do Alto Alentejo e concretamente em Foros de Arrão, expondo ainda algumas das consequências provocadas por tal fenómeno na aldeia. Apresenta a premissa de intervenção na aldeia como revitalizador do território através da implementação de residências artísticas de uso temporário.

O capítulo 2 aborda os conceitos de residências artísticas e suas variadas definições e conceitos. Contempla ainda a análise de estudo do projecto “Communal villa – Production and Reproduction Housing”. Seguidamente, com base na rede Resartis, a investigação analisa um conjunto de casos de residências artísticas em Portugal. Ainda neste capítulo, são analisados projetos em contextos desocupados contribuindo assim para a integração e da proposta de intervenção urbana com a malha urbana da aldeia.

- A Parte II (análise urbana e proposta de projecto)

O capítulo 3 consiste na análise do espaço de intervenção, com base na interpretação de fontes, documentos, ortofotomapas, desenhos analíticos, visitas ao local. Este capítulo contempla ainda a confrontação com os instrumentos de gestão territorial em vigor (PDM) e prossegue com a análise urbana do local que permite a compreensão da organização espacial e explorando relações visuais entre diferentes elementos simbólicos (Moinho de vento, Igreja de Santa Maria, Escola primária e Reservatório de água) presentes no território. Ainda neste capítulo, justificam-se as opções tomadas no âmbito do projecto urbano, nomeadamente a integração e a valorização do espaço enquanto contexto desocupado e que permite a mediação entre a malha da aldeia e o edifício proposto.

O capítulo 4 consiste na justificação das opções tomadas no âmbito do projecto de arquitectura, o edifício de residências artísticas de uso temporário, relativamente à interpretação analítica do caso Communal Villa, no qual se definiu as primeiras premissas de projecto, no levantamento de residências artísticas em Portugal e por fim na análise urbana da aldeia de Foros de Arrão.

Finalmente, o capítulo 5 consiste na conclusão que resulta na síntese dos factos que este trabalho conseguiu demonstrar, abrindo caminhos para futuras investigações e interpretações.

Enquadramento do Tema

2 Residência Artística

2.1 Conceito de Residência Artística Temporária

Vários autores apontam a origem deste conceito de residência a década de 1880 na cidade alemã de Worpswede, uma zona rural distante das grandes cidades. Já o poeta Rainer Maria Rilke inspirava-se na relação com lugar para criar os seus poemas. Mais tarde, em 1889, também o pintor Fritz Mackensen permaneceu na cidade. A sua relação com o lugar, com artistas e a calma e contemplação da paisagem fizeram que o artista impulsionasse outros artistas a visitarem esta cidade (Corbett, 2015).

A cidade de Worpswede foi assim ficando conhecida por receber diversos artistas, tornando-se num centro artístico da Alemanha. Urbanisticamente, foi crescendo por influência deste fenómeno migratório e o número de espaços artísticos e culturais foi aumentando ao longo das décadas, originando-se vínculos entre a criação da arte e os visitantes e permitindo a sustentabilidade local, em função desta “organização artística”.

Segundo Lehman (2017), o conceito de residência artística ou o artista num programa de residência artística é visto como um cenário onde um artista é convidado a trabalhar temporariamente num ambiente afastado da sua residência, noutra cidade ou noutra país, em que a acomodação dos artistas é financiada por via de bolsas, apoios financeiros de organizações ou simplesmente o artista paga os custos da sua estadia. Em contexto de residência, o individuo encontra apoio de outros artistas e várias ferramentas para usar nas suas criações, tudo num ambiente de comunidade e de cumplicidade.

A Comissão Europeia (2014), define residências artísticas como um conceito aberto e fluido, abrangendo um amplo espectro de actividades e de engajamento que permite colaborações entre diversas organizações. No qual as novas tecnologias estão a alavancar novas experiências, incluindo as residências num formato digital possibilitando o trabalho em rede. OMC group (2014), aborda pragma-

ticamente a definição de residências como uma estrutura que fornece aos artistas e outros profissionais criativos tempo, espaço e recursos para trabalhar de forma individual ou coletiva, em áreas de sua prática e contribuam para a reflexão e concentração nos processos de criação artística. Definem ainda que as residências artísticas oferecem acomodação, treinamento artístico, suporte de produção e / ou instalações para apresentações. Existindo cada vez mais, residências temáticas em que os artistas estão trabalhando em parceria com outros artistas, cientistas e outros profissionais. Em algumas residências pode ser exigido um resultado tangível, como uma arte produção, exposição, projeto, workshop, colaboração.

2.2 Caso de estudo: “Communal villa – Production and Reproduction Housing”

O projecto Communal villa - Production and Reproduction in Artist's Housing é um modelo teórico de “*co-living*”, concebido como uma alternativa aos modelos habitacionais actuais. Dogma e Realism Working Group são os autores deste modelo habitacional, que vêm nos artigos «*Zur Wohnungsfrage*» de Friedrich Engels, a oportunidade de refletir sobre as questões dos modelos habitacionais impostos pelo sistema capitalista (Aureli, P. V.; Tattara, M., 2015).

Nesta visão, os autores de Communal Villa propõem dois edifícios: a vila urbana e a suburbana. Em ambos os casos, a lógica é em claustro, minimizando o espaço individual e maximizando os espaços coletivos. Ambos os edifícios operam da arquitetura industrial, com componentes em pré-fabricados, o que permite reduzir os custos de construção. Os autores propõem que esses volumes sejam implantados em terrenos desabitados (geralmente perto de infraestruturas e propriedade de empresas municipais ou ferroviárias, que facilitaria sua atribuição) (Díaz, 2018).

Este modelo habitável de uso coletivo tem como objectivo proporcionar por igual modo condições a todos os residentes do espaço. Assumem que o público alvo são artistas que optam por viver e trabalhar em comunidade, unificando as relações sociais e generalizando a separação entre os dois domínios (casa-trabalho), como premissas de projecto os autores assumem uma capacidade para 50 artistas e a forma dos edifícios pode ser alterada pela adaptação ao contexto onde se insere.

A construção das *villas* é dividida em três fases: a estrutura, o acabamento e o mobiliário. Por questões económicas, os autores optaram por não concretizar a fase do acabamento, recorrendo a módulos de mobiliário enquanto elementos compositores e articuladores dos espaços sociais e privados.

O modelo habitacional caracteriza-se como programa de residência artística comunitária. O projecto divide os edifícios em duas áreas, áreas de utilização colectiva no centro do edifício e áreas de utilização individual nas laterais, na primeira, espaços sociais como cozinhas, sauna, ateliers colaborativos, galerias, piscinas, na segunda espaços privados, quartos e ateliers (figura 2).

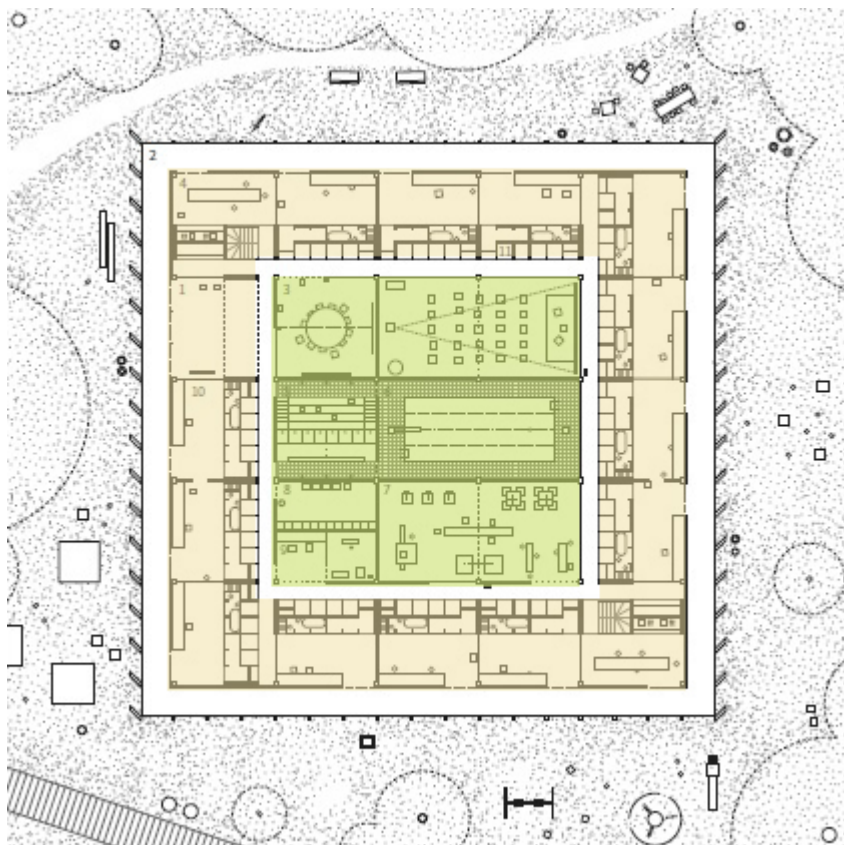
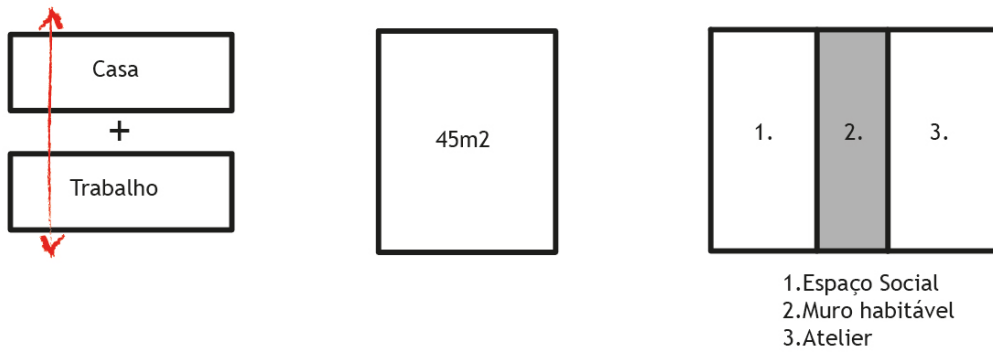


Figura2 - Ground floor plan

Internamente, os edifícios são organizados por sistemas móveis, tais como cortinas, portas de correr e outro mobiliário amovível, que permitem controlar a abertura ou o fechamento dos espaços, promovendo a utilização colectiva e a multifuncionalidade do espaço.

A estrutura fixa que faz a separação entre as áreas sociais e as privadas, é designada pelos autores como “parede habitável” e consiste em módulos rectangulares de 7.50x5.00x2.40m, em madeira prensada, divididos em duas alturas. Estas paredes definem uma área privada de 45m² (7.50x7.50x5.00m) (figura3), e estabelecem a relação entre social-habitação-trabalho. Os módulos habitáveis (figura4) e (figura5) são equipados com uma instalação sanitária, uma despensa, uma cama e um espaço de leitura. Como área de trabalho individual, possuem uma área de atelier para a realização de pequenas produções artísticas.



2. Muro habitável

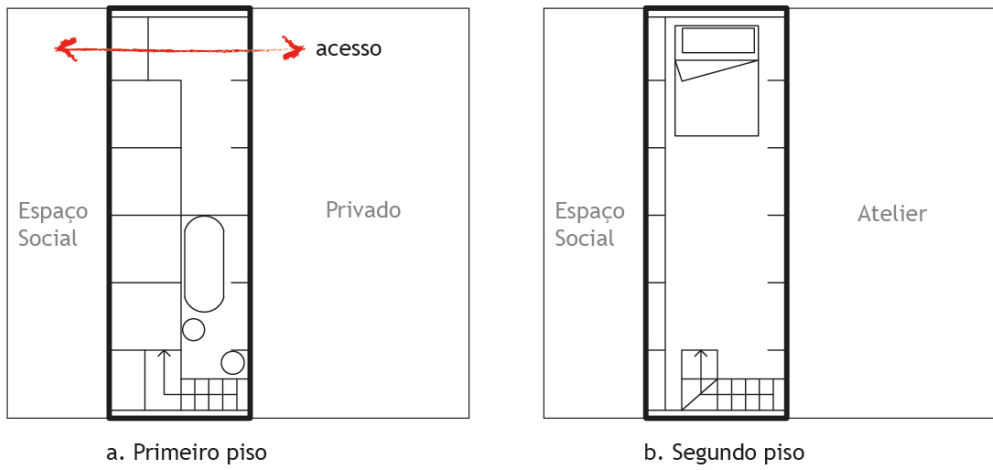


Figura 3 – Ideogramas explicativos - Inhabitable wall



Figura 4 - Inhabitable wall - photo

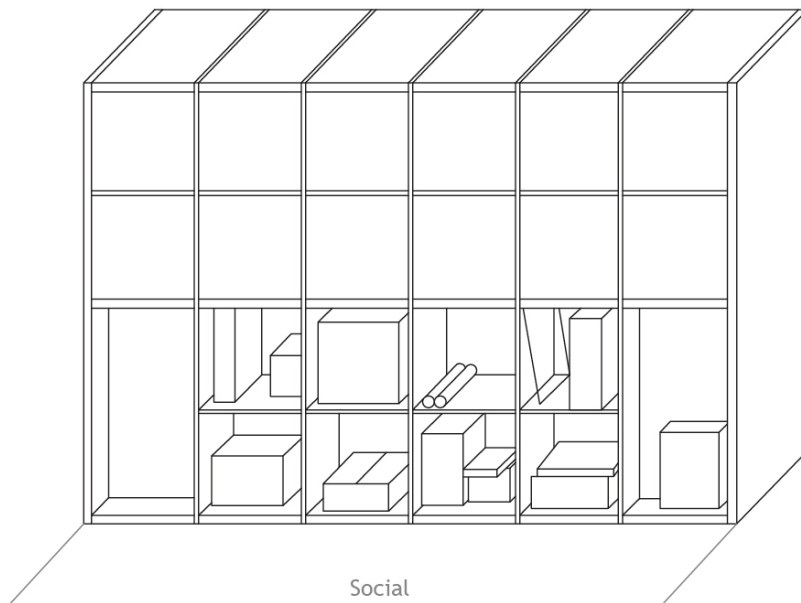
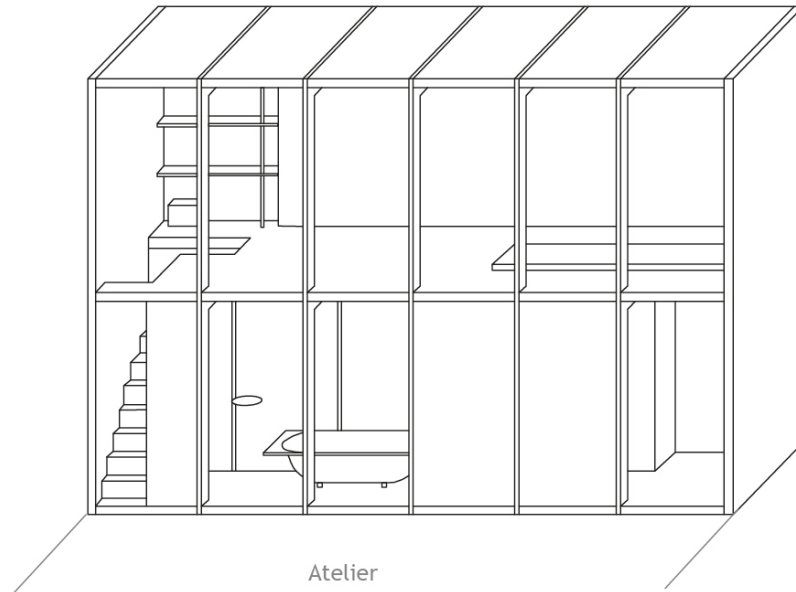


Figura 5 - Inhabitable Wall – perspectives drawings

2.3 Síntese Conclusiva

Sendo o projecto “Communal Villa Production and Reproduction Housing”, um modelo de habitação comunitária alicerçada à prática de actividades relacionadas com a produção de arte, interessa-nos entender quais as dinâmicas criadas para a integração da comunidade artística no edifício, a forma como a proposta se insere no contexto urbano e quais os programas, espaços e materialidades que formalizam a proposta.

Considera-se o Communal Villa um modelo habitacional inovador, pela visão futurística de viver e trabalhar em comunidade num só edifício, anulando as trajetórias físicas e temporais entre os edifícios de habitação e de trabalho. Este projecto, idealizado para artísticas com o fundamento de profissionais *freelancers*, no qual desenvolvem trabalho em suas habitações-ateliers, deste modo não estão obrigados a cumprir um horário laboral ou deslocarem-se para um edifício de escritórios. O modelo de vila comunitária cria oportunidade aos artistas de poder viver e trabalhar em comunidade, com o intuito de estabelecerem redes de parcerias, troca de ideias e técnicas, o modelo visa ainda sustentabilidade económica dos residentes pelo facto de repartirem por igual os custos inerentes à utilização do edifício.

A implantação dos edifícios de *Communal Villa* assumem a premissa de requalificar áreas desabitadas onde existam edifícios e armazéns de cariz industrial em contexto urbano, contribuindo assim para a diminuição de edifícios devolutos que deslustrem a imagem das cidades. Em suma, o projecto pretende valorizar e regenerar zonas das cidades que são urbanisticamente problemáticas.

A diversidade dos espaços do projecto, beneficiam a permanência, o convívio social e o bem-estar dos artistas, influenciando o modo de viver e o modo de trabalhar. A praticidade aplicada aos elementos (cortinas, paredes de correr, armários amovíveis) que compõem os espaços de utilização colectiva, permitem o edifício adequar-se às diferentes necessidades, potencializando a realização de actividades em diferentes escalas.

A “parede habitável” separa o espaço colectivo do individual e responde às necessidades mínimas de habitabilidade dos artistas. A estrutura distribui por igual os espaços privados (instalações sanitárias, atelier, quarto, arrecadação), criando assim uma unidade e oportunidade igual para cada residente. A materialidade em madeira prensada confere ao módulo habitável um aspecto simples e modesto, económico e fácil manutenção.

2.4 Residências artísticas em Portugal (inventário)

No âmbito desta investigação e como enquadramento ao projecto, julgou-se necessário compreender o tema das residências artísticas no contexto português.

Realizou-se assim uma procura online de plataformas nacionais ou internacionais que contabilizassem o número de residências artísticas em Portugal. Neste âmbito, a plataforma online Resartis (resartis.org) contém uma estrutura organizada e clara sobre de centros e residências artísticas por todo o mundo.

A Resartis é uma organização que possui, no momento em que foi realizada a pesquisa, um total 535 residências, divididas por 85 países, sendo parceira de vários centros artísticos mundiais, como o caso de CAE – Culture Action Europe.



Figura 6 - Página inicial da plataforma Resartis

Em Portugal, à data desta pesquisa, verificam-se 14 Residências Artísticas Temporárias distribuídas por todo o território nacional. O conceito de residências artísticas no contexto nacional é aplicado ao alojamento exclusivo para artistas e o tipo de acomodação é pago, mas pode ser financiado por entidades parceiras. Nestes espaços, os utilizadores têm disponíveis diversos conteúdos e ferramentas para a produção de seus trabalhos.

De modo a caracterizar cada residência, elaborou-se um inventário (apêndice II) com base na informação disponível online, contendo o nome da residência, a localização, o contexto urbano, ano de fundação, número de ateliers, o período de alojamento, capacidade máxima de alojamento, espaços e elementos de apoio ao alojamento dos artistas, acessibilidades para pessoas com mobilidade reduzida, permissão para alojar pessoas ou animais que acompanham os artistas e tipos de disciplinas artísticas possíveis desenvolver na residência.

2.4.1 Síntese conclusiva – análise do inventário

Das catorze residências analisadas, apenas três se localizam no norte do país. Ao centro encontram-se dez residências, sendo quatro localizadas em Lisboa e uma a sul do país. Oito destas residências estão em contexto rural e seis em contexto urbano.

De todas residências investigadas, nenhuma é concebida de raiz. Todas são re-utilizações (edifícios que possuíam outra finalidade). A residência “Yantra” foi localizada num espaço comercial de loja; a “Fundação Gerrit Komrig House”, “Córtex Frontal”, “Buinho Creative Hub”, “Euroatlas” e “Hangar” foram instaladas em antigas moradias; a “Cerdeira – Home for Creativity” pertence a um conjunto de casas habitacionais que foram recuperadas numa aldeia despovoada na serra da Lousã; a “La Junqueira”, “PADA”, “AZAN SPACE” foram implantadas em espaços de armazém; a residência “Vale de Gatos” foi instalada num edifício de habitação plurifamiliar e de armazém agrícola; a “Fundação OBRAS” localizou-se num antigo armazém agrícola; e por fim, o “Museu Zero” instalou-se numa cooperativa agrícola.

Em suma, o aproveitamento de edifícios antigos, degradados, tem potenciando assim a sustentabilidade através da regeneração e reativação de determinadas zonas das cidades e vilas. Um caso particularmente interessante é o caso da aldeia de Cerdeira, que se encontrava despovoada até a implementação deste tipo de programa. Esta residência artística “Cerdeira – Home for Creativity”, localiza-se na serra da Lousã e integra-se na rede das aldeias de xisto. Segundo Paulo Navais (2018), Kerstin Thomas e Bernard Langer ao praticarem caminhadas na serra da Lousã descobriram a aldeia despovoada, o interesse do casal pela aldeia surge pelo enquadramento da paisagem natural e pelas casas de xisto, em 1988, decidiram viver na aldeia de Cerdeira. Ao longo de 30 anos, o casal conjuntamente com amigos foram reconstruindo a aldeia, sempre numa premissa de revitalização e de sustentabilidade local. Estas pessoas foram criando assim uma aldeia sustentável que visa a implementação de um programa cultural de residências artísticas, que oferece actividades e alojamento temporário para pessoas que procuram contacto com a natureza ou formações artísticas.

O presente projeto de Residências Artísticas Temporárias em Foros de Arrão, contempla não uma re-utilização, mas um espaço de raiz. Não obstante, os desafios de re-ativar a aldeia e de gerar dinâmicas culturais, são semelhantes ao caso da aldeia de Cerdeira.

2.5 Intervir em contextos desocupados (análise de projectos)

Para melhor enquadrar a proposta a desenvolver, gerou-se a necessidade de analisar casos de estudo em contextos semelhantes, com o intuito de compreender a revitalização do espaço enquanto contexto desocupado. Estes casos não são necessariamente em contextos rurais; o que se procurou foi analisar projetos que tivessem em comum a criação de zonas de lazer e de passeio, em contextos desocupados.

Assim, o critério de selecção destes projetos foi definido pela escala de intervenção, bem como pela sua contemporaneidade e ainda pela capacidade de dinamização de um território e sustentabilidade social. Os casos seleccionados foram: 1) o Parc de la Villette (Paris, França, 1987, autoria Bernard Tschumi); 2) o Parque Ribeiro do Matadouro (Portugal, Santo Tirso, 2013, da autoria Gilberto Pereira e Bruno Sousa), o Parque Bicentenário Infantil (Chile, Santiago do Chile, 2012, da autoria Alejandro Aravena) e por último o Parque Red Ribbon (China, Qinhuangdao, 2007, da autoria Kongjian Yu; Ling Shihong; Chen Chen)

2.5.1 Parc de la villette

O Parc de la Villette foi projectado em 1987 pelo arquitecto Bernard Tschumi. A proposta procurava responder ao concurso internacional lançado entre os anos 1982 a 1983, cujo objectivo principal foi a revitalização um conjunto de terrenos abandonados e com pouco desenvolvimento urbanístico na parte oriental da cidade de Paris. O Parque, localizado em Pont-de-Flandre, é dividido em duas partes pelo canal de l'Ourcq, que possui uma área livre com cerca de 135 hectares, no qual se insere um programa de cidade da música, um museu da ciência e indústria, teatros, espaços destinados a concertos ao ar livre e doze jardins temáticos. As directrizes do concurso procuravam propostas para a concepção de um parque urbano “pensado para o século XXI” (Tschumi, 2014) que correspondesse às questões contemporâneas e ao futuro, sem que fosse necessário recorrer à história como fundamento do desenvolvimento projectual. A proposta vencedora não seguiu qualquer referência tradicional, nem com a paisagem nem com a natureza. Por sua vez, Tshumi idealizou o espaço para a actividade e interação dos utilizadores com o lugar, no qual se conjuga o natural e o artificial de modo a provocar nos utentes a sensação de liberdade e de constante reconfiguração e de descoberta.

O Parc de la Villette foi concebido segundo uma lógica de três elementos/princípios organizativos: Planos, Linhas e Pontos.

- Planos, que consistem em superfícies que representam os espaços verdes livres;
- Linhas, que consistem nos percursos pedonais que não descrevem qualquer estrutura organizacional, mas que se intersectam e permitem conduzir as pessoas a vários locais de interesse dentro e fora do parque;
- Pontos, que representam vinte e seis estruturas em cor vermelha, as quais não possuem qualquer funcionalidade programática, deixando ao público o critério de uso e função. Estão distribuídas pontualmente numa malha ortogonal com cerca de cento e vinte metros de afastamento entre si, servindo como pontos de referência aos utilizadores do parque. Devido à sua qualidade dimensional, estas estruturas tornaram-se elementos icónicos do projecto e mais recentemente, alguns destes volumes foram atribuídos para uso de centros de informação, restaurantes e escritórios.

Dos 135 hectares do parque, 85 são dedicados a espaço verde. O espaço aberto é normalmente utilizado para grandes eventos e, no verão, torna-se espaço de cinema ao ar livre. O projeto foi concebido como um espaço definido pelo usuário, aberto à interpretação.

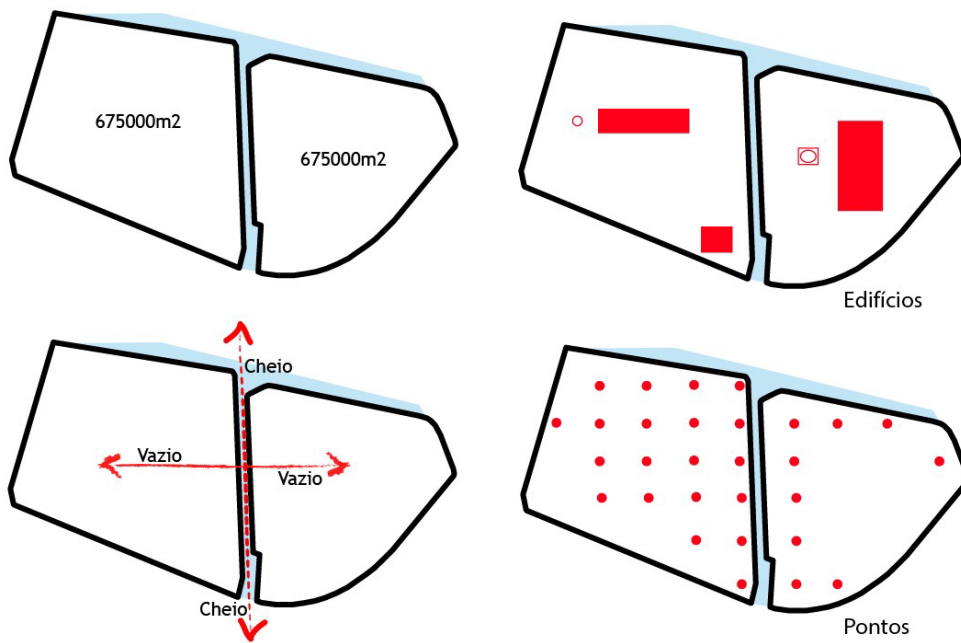


Figura 7 - Diagramas explicativos *Parc de la Villette*

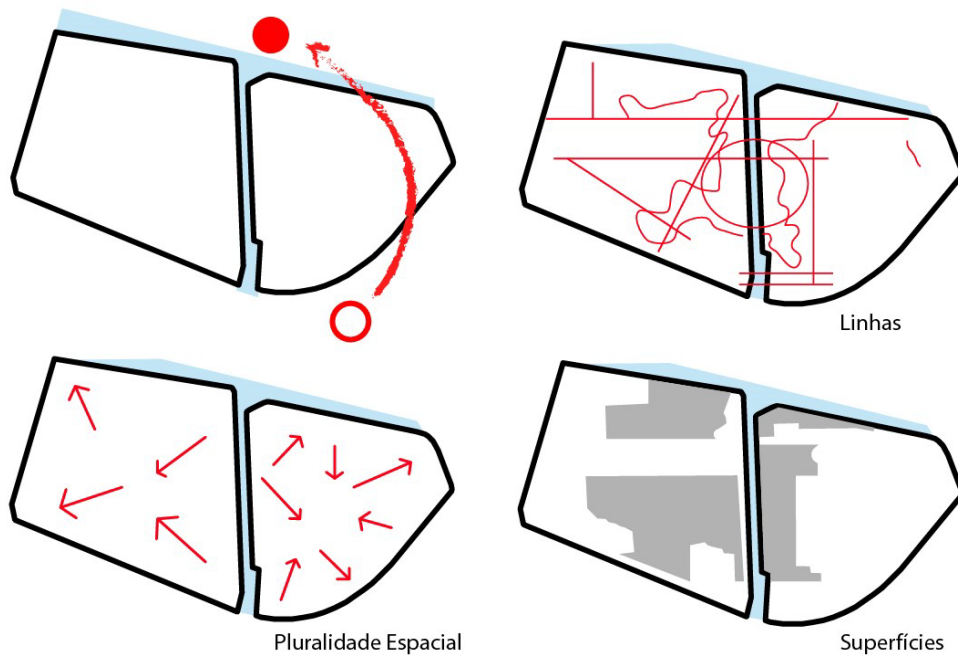


Figura 8 - Diagramas explicativos - *Parc de la Villette*

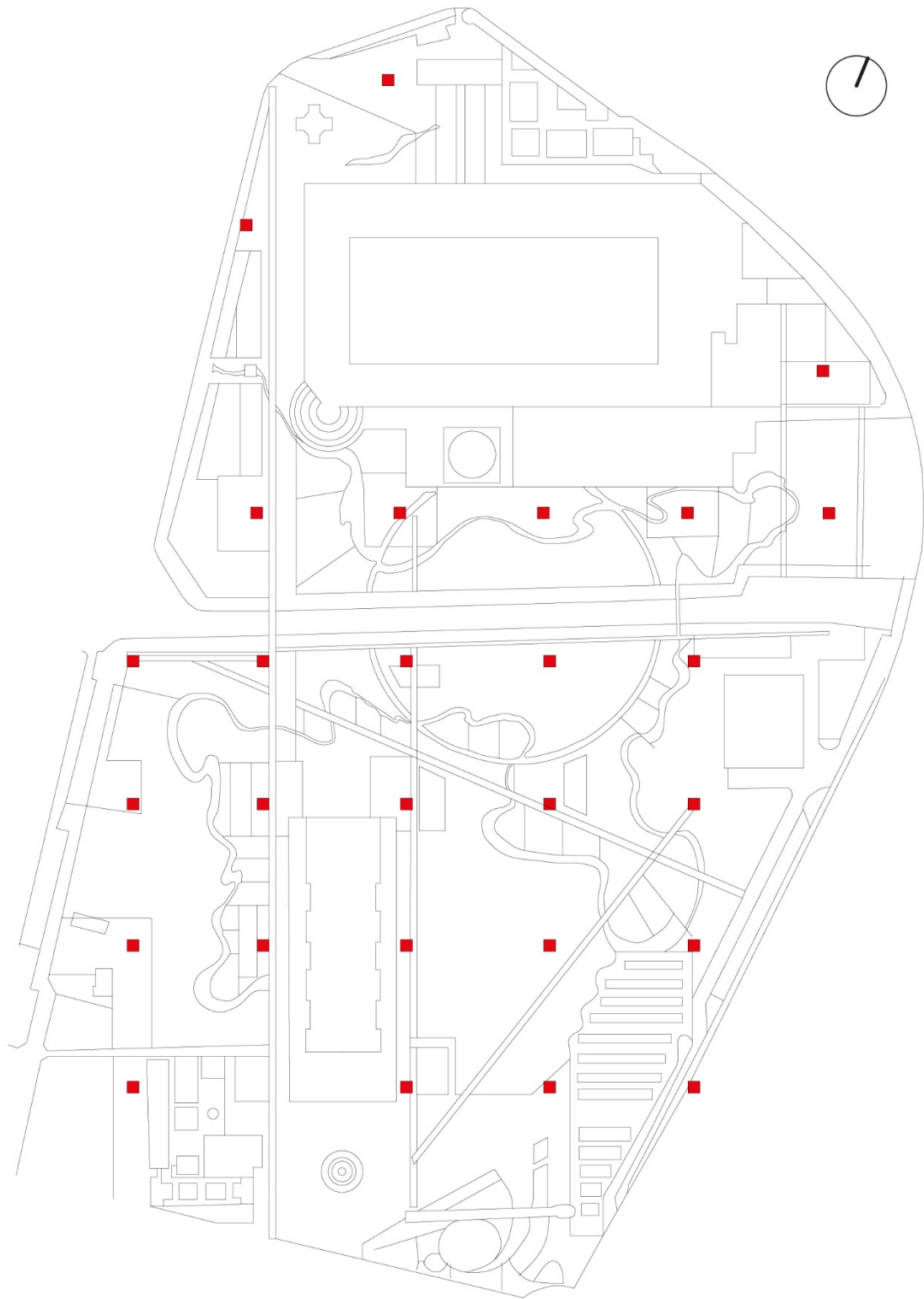


Figura 9 - Planta esquemática *Parc de la Villette*



Figura 10 - Parc de la Villette, 2012

2.5.2 Parque Ribeiro de Matadouro

O Parque Ribeiro do Matadouro foi projectado em 2013 pelo gabinete Oh!Land studio, pela dupla de arquitectos Gilberto Pereira e Bruno Sousa, que procuravam responder a uma estratégia de desenvolvimento urbano “Inventar a Cidade”, em Santo Tirso. O projecto localiza-se no centro da cidade, mais precisamente nas margens do Ribeiro do Matadouro e desenvolve-se numa área de 1.54 hectares, no qual se distribui um programa de percursos interpretativos, percursos pedonais de movimentação suave, percurso pedonal, uma ciclovia, um centro de manutenção e limpeza e um centro de pedagogia ambiental.

As directrizes da estratégia urbana tinham como mote a concessão à cultura local, a ecologia e a tradição, tudo isto sob novos métodos de construção sustentável. A proposta resultou da evolução de um projecto apresentado no concurso Europeu Europan 9, sob o tema “Urbanidade Europeia - Cidade Sustentável e Novos Espaços Públicos”. Esta área de intervenção surgiu para os arquitectos como uma oportunidade de converter um “não-lugar” num espaço qualificado nos âmbitos social, urbano e natural. O terreno foi reconfigurado como um organismo vivo que é demarcado por diversas escalas, ritmos e velocidades de modo a criar um espaço contemporâneo para a interação social e ambiental, em que o elo de ligação entre o utilizador e a envolvente que se desenrola através do *design*. Segundo os autores, o projecto pode ser compreendido em quatro diferentes itens: a malha activa, as esculturas interpretativas, a componente viva e os utilizadores do espaço.

A malha activa, assim designada pelos arquitectos, promove a mobilidade e conectividade do parque, através de diversos percursos que permitem o movimento e a percepção do espaço a diferentes velocidades, existe no pavimento uma faixa com símbolos que representam as diferentes velocidades (*Play, Stop, Pause e Fastforward*). O caminho principal é o eixo que atravessa todo o parque e permite uma rápida deslocação aos vários pontos do parque. Os caminhos secundários são mais lentos e permitem disfrutar da natureza e das esculturas interpretativas. Consideram-se os utilizadores do espaço como parte activa do lugar, que dão forma ao modo como este parque é percorrido, utilizado e interpretado.

As formas geométricas presentes um pouco por todo o parque integram-se na rota das esculturas da cidade de Santo Tirso. Estas peças de design inspiradas na técnica de origami enaltecem a componente cênica do lugar e pretendem despertar sensações de movimento, interação e descoberta. Estas estruturas desempenham ainda a função de estrutura de apoio aos equipamentos técnicos (tubagens, caixas de iluminação) e pela sua inserção no terreno criam novos usos e espaços como zonas de descanso em que o utente pode sentar-se ou deitar-se sobre a peça, zonas de abrigo, na qual a peça se desdobra e cria separações entre o acto de passagem e o de permanência.

A componente viva refere-se aos organismos da natureza, ou seja, elementos biofísicos que caracterizam o local. A aproximação da Ribeira do Matadouro, as condições pedológicas, a estrutura arbórea

pré-existente, foram repensadas de modo a garantir a sustentabilidade ambiental do parque, no terreno plantou-se novas espécies e nichos ecológicos respeitando e promovendo a fauna e flora local.

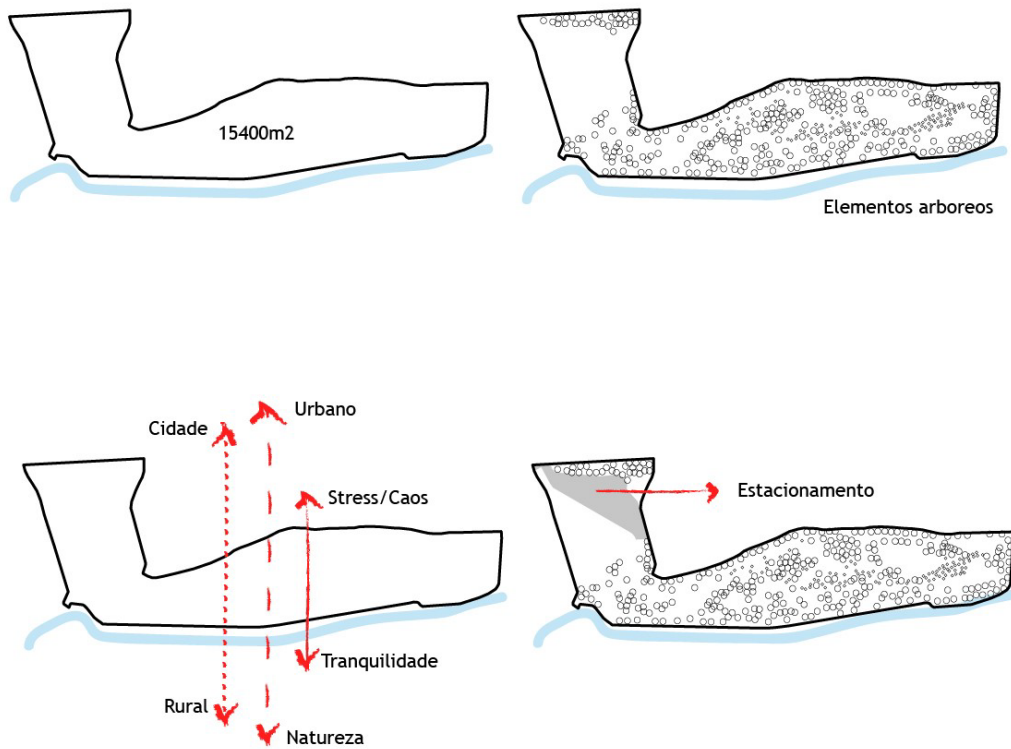


Figura 11 - Diagramas explicativos *Parque Ribeiro de Matadouro*

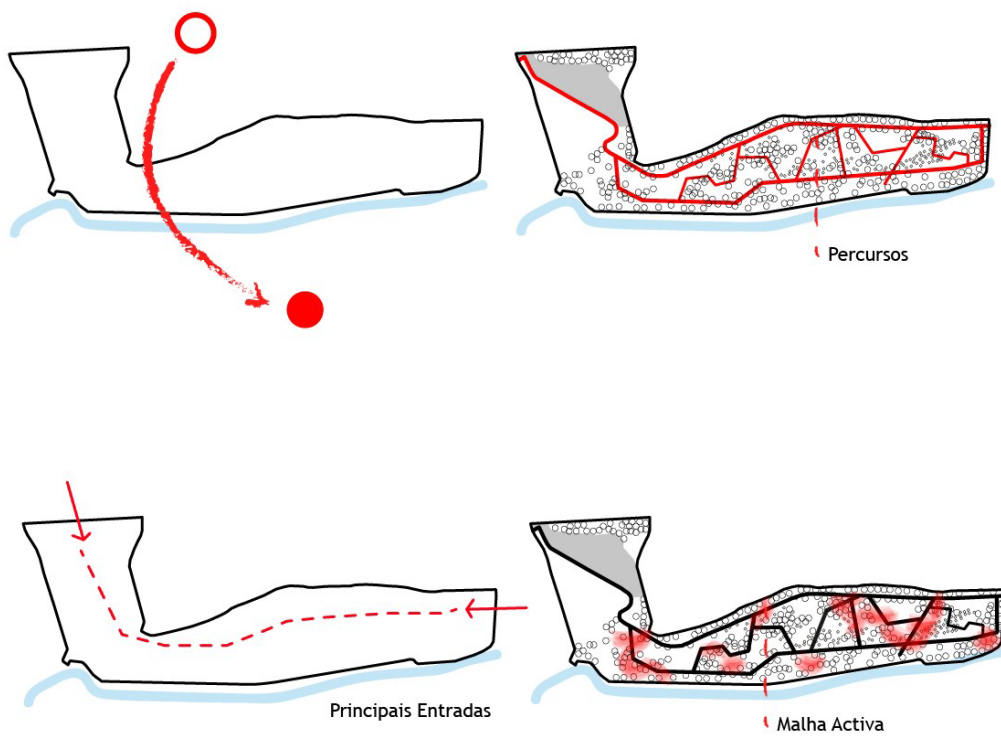


Figura 12 - Diagramas explicativos *Parque Ribeiro de Matadouro*

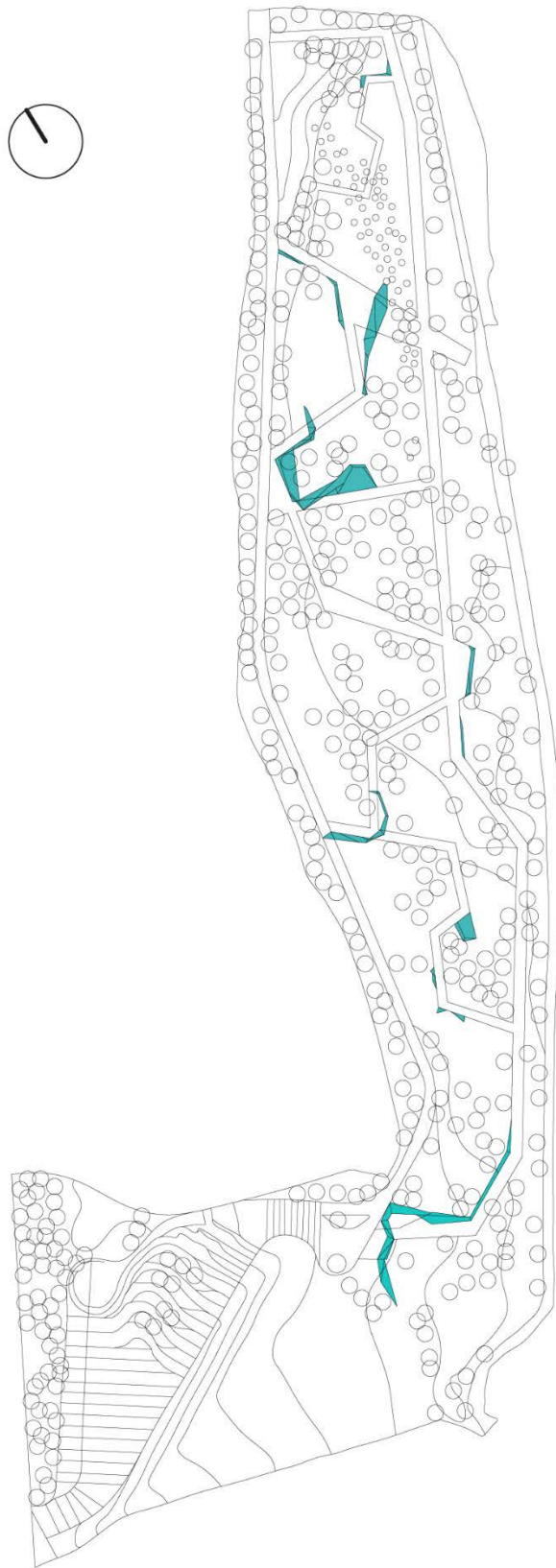


Figura 13 - Planta esquemática - *Parque Ribeiro de Matadouro*

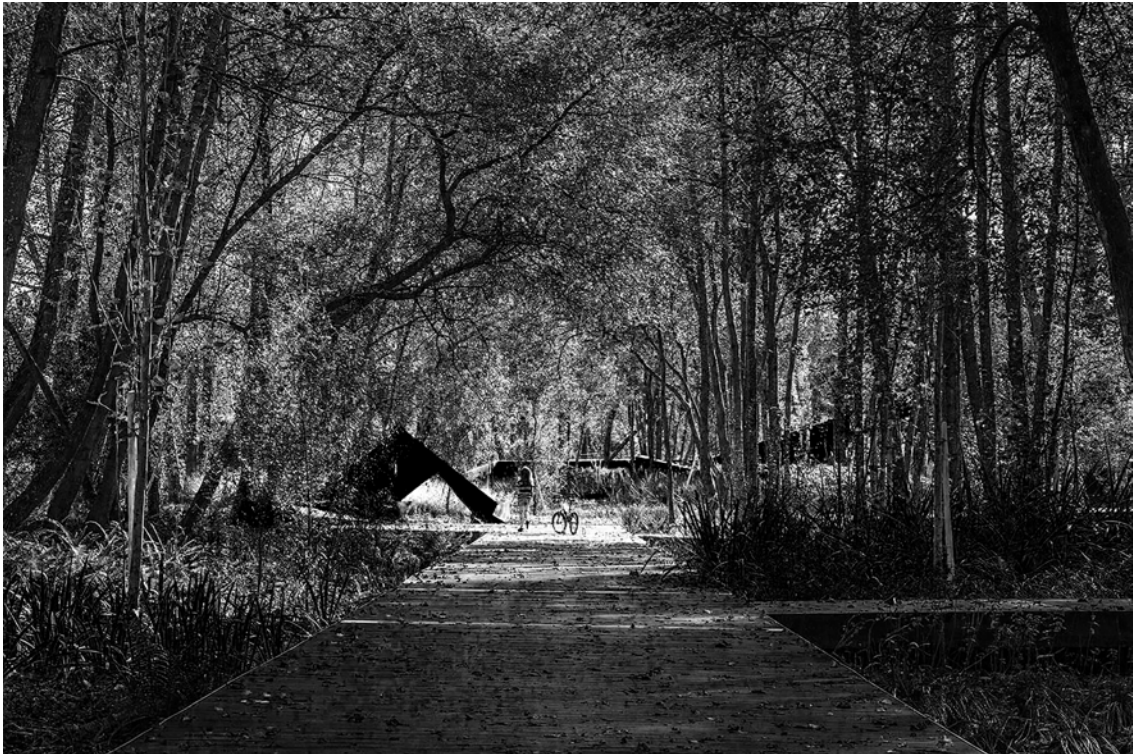


Figura 14 - Parque Ribeiro de Matadouro, 2013

2.5.3 Parque Bicentenário Infantil

O Bicentenário Infantil foi projectado em 2012 pelo gabinete de arquitectura ELEMENTAL, por Alejandro Aravena e situa-se em Santiago de Chile a proposta procurava responder a dois problemas; num primeiro momento, a criação de um espaço onde a população pudesse usufruir de um lugar sossegado sem os ruídos do trânsito e dos fluxos urbanos da vida quotidiana. O local de implantação é a encosta de San Cristóbal, um espaço livre natural com uma área de 4 hectares, suficiente para a colocação do programa pretendido, que contempla uma cafetaria, um quiosque, casas de banho públicas, um anfiteatro, diversos equipamentos, espaços lúdicos e percursos que ligam o parque a diferentes partes da encosta. O segundo problema detetado foi a topografia do terreno; sendo este bastante inclinado, poderia ser uma dificuldade acrescida para a segurança dos utentes sobretudo das crianças. Contudo, o problema tornou-se numa solução, sendo que na proposta resolveram a questão do desnível de forma lúdica, criando uma cascata com 60 escorregas, que permitem descer a colina confortavelmente (nas suas laterais existem lances de escadas para permitir a subida para os diferentes patamares). Existem ainda duas outras formas de aceder ao cume, no extremo sul do parque, encontra-se um funicular que sobe 40 metros da colina e permite vislumbrar a paisagem urbana da cidade e por último um percurso pedonal em ziguezague que atravessa todo o Parque Bicentenário, este de acesso comodo e largo permite aos utilizadores deslocarem-se para todos os diferentes espaços e é também o inicio e parte do caminho para o jardim zoológico de San Cristóbal, localizado a cerca de 10km de distância.

Ao projectar os diferentes espaços num conjunto único, Aravena organizou-os segundo uma lógica gradual, ou seja, nas áreas de planície junto à malha urbana, optou por colocar a maioria do programa, que vai reduzindo conforme a altimetria do terreno. Uma vez criada esta estratégia, foi também necessário pensar na segurança das crianças, tendo em conta a aproximação do parque com a cidade, foi criado um elemento labiríntico em forma de corredor com 300 metros de comprimento junto ao passeio pedonal, que serve como barreira separadora dos movimentos/fluxos urbanos (caos, stress, ruídos) dos movimentos/fluxos do Bicentenário Infantil (tranquilidade, natureza, paz). Este labirinto é de uso exclusivo de crianças, existindo no seu interior diversos equipamentos como escorregas, lombas, túneis e escadas. No terreno e aproveitando a inclinação, optou-se por colocar as casas nas árvores numa estrutura em que não é possível o acesso vertical às mesmas por uma questão de segurança, sendo que o acesso ao seu interior se faz num patamar horizontal localizado no percurso pedonal transversal ao Parque. Junto das casas, num patamar inferior, encontra-se um espaço com esferas em betão de diferentes tamanhos, que servem como elementos decorativos e possuem a função de refrescar o utilizador e a envolvente, nos períodos de verão.

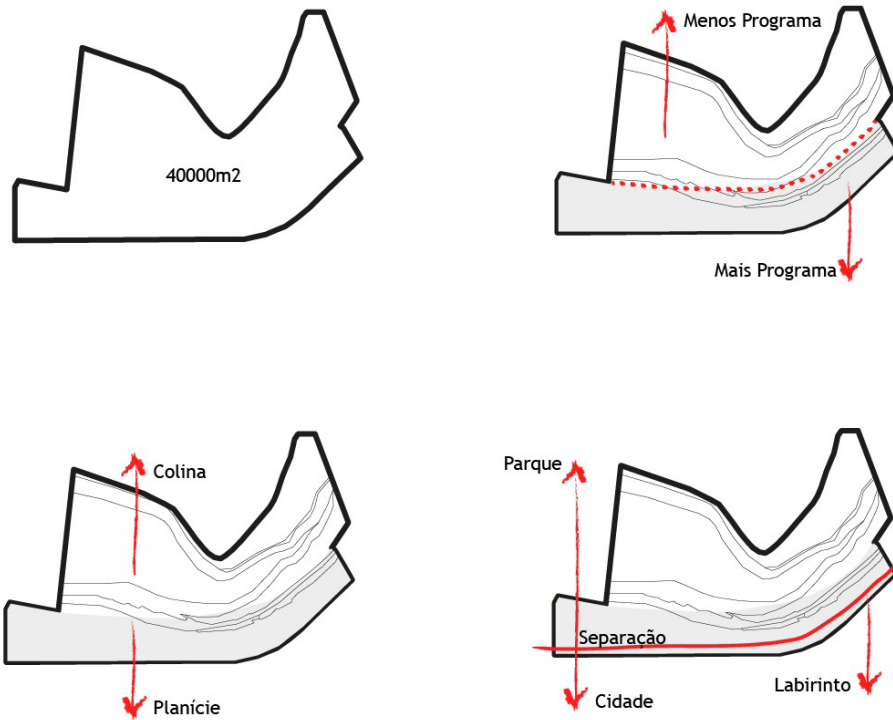


Figura 15 - Diagramas explicativos *Parque Bicentenário Infantil*

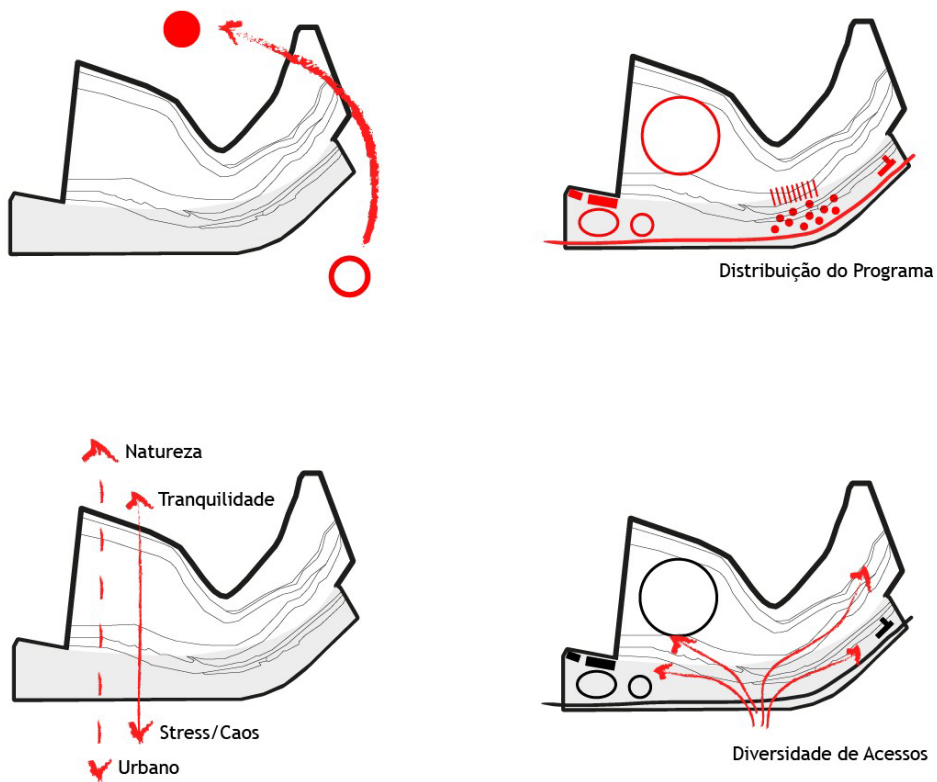


Figura 16 - Diagramas explicativos *Parque Bicentenário Infantil*

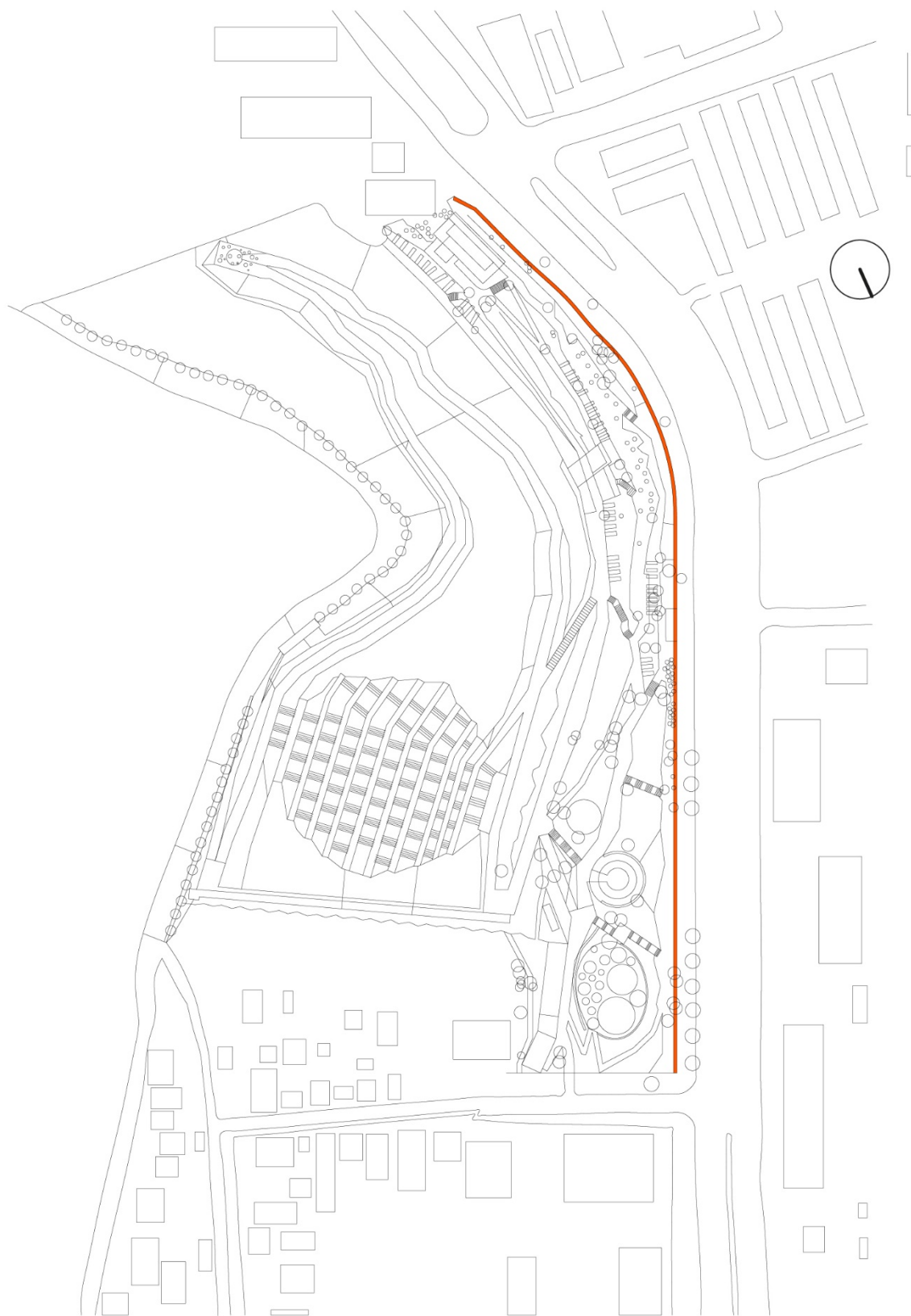


Figura 17 - Planta esquemática *Parque Bicentário Infantil*

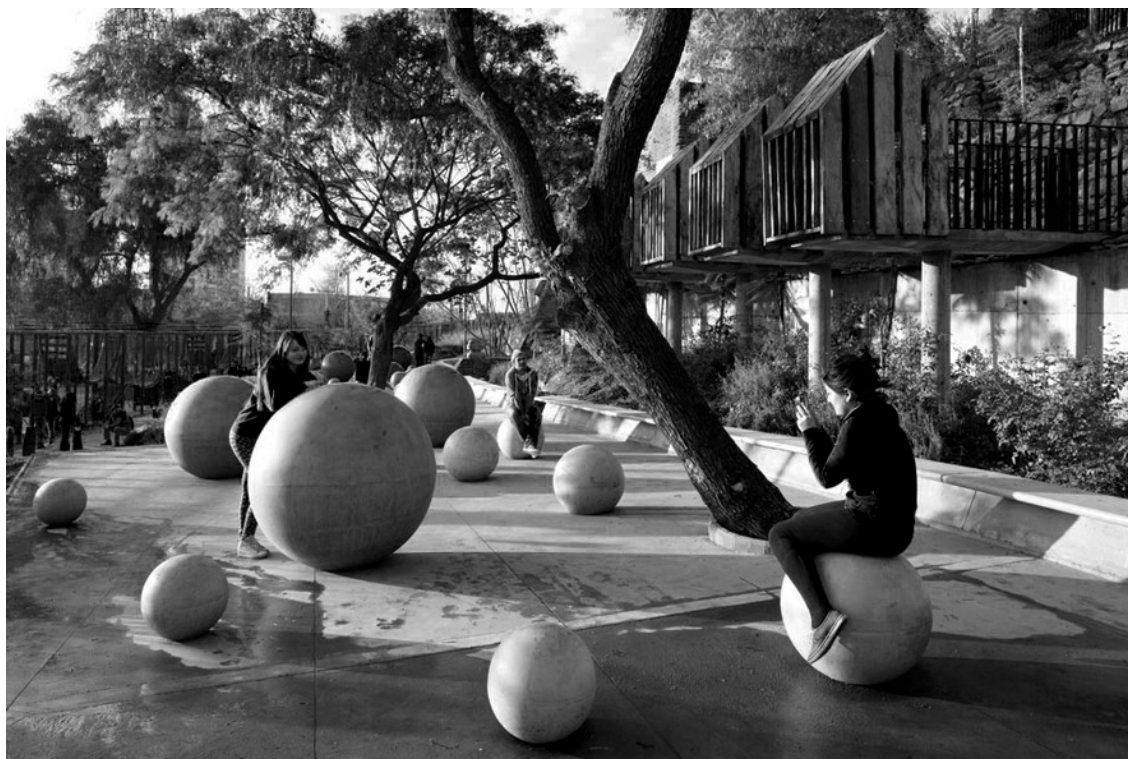


Figura 18 - Parque Bicentenário Infantil, 2012

2.5.4 Parque Red Ribbon

Red Ribbon foi projectado em 2007, pelo gabinete de arquitectura paisagística Turenscape, localiza-se na cidade de Qinhuangdao, China. A proposta procurava responder a um conjunto de problemas existentes no local e tem como principal premissa preservar os habitats naturais das constantes evoluções urbanas e dos novos usos dos habitantes locais (Kongjian Yu; Ling Shihong; Chen Chen, 2007). O parque possui 20 hectares, localiza-se junto à margem do rio Tanghe e possui uma extensão com cerca de 500 metros e desenvolve-se ao longo de um percurso longitudinal composto por uma estrutura em fibra de vidro, que funciona como assento, barreira física, separando o percurso pedonal do bosque, iluminação e permite a prática de actividades físicas e desportivas, tais como a corrida, a natação e a pesca. Antes da intervenção, o terreno encontrava-se muito desqualificado, sendo uma zona de depósitos de lixos. A solução encontrada provocou uma melhoria substancial na paisagem, consciencializando a população sobre a conservação de ecossistemas.

Red Ribbon (ou faixa vermelha) foi idealizada como espaço promotor de ligação entre o utilizador e a natureza e a sua implantação no local molda-se aos desníveis do terreno e da frente de água, ligando a proposta ao espaço de modo harmonioso. Apesar da simplicidade da solução (uma forma comprida e delgada que serpenteia diversas vegetações existentes no lugar), a Red Ribbon conseguiu dinamizar e reorganizar diferentes usos no espaço. A cor vermelha contrasta os elementos vegetais e a água do rio e esta conjugação cromática torna-se mais perceptível no inverno devido à presença da neve, ficando o ambiente fica maioritariamente branco com o elemento de design em destaque. De noite e por questões de segurança, a faixa ilumina-se em alguns pontos do percurso.

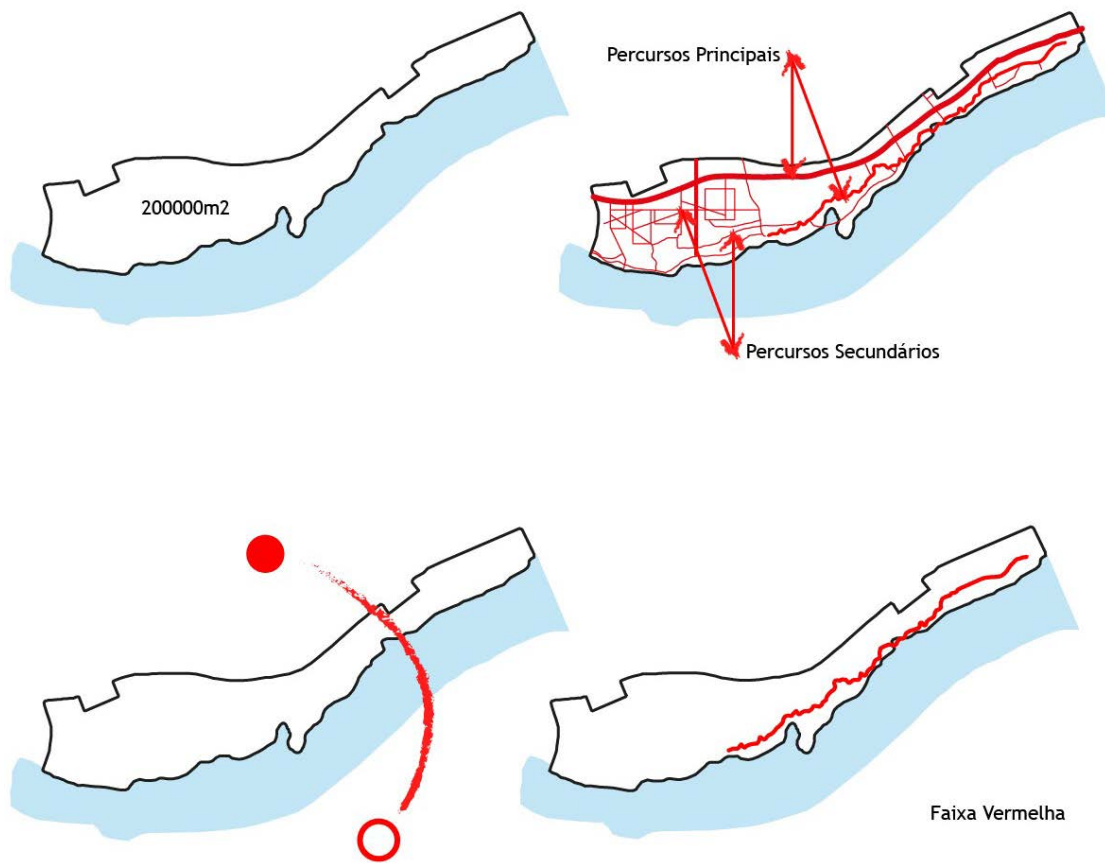


Figura 19 - Diagramas explicativos *Parque Red Ribbon*

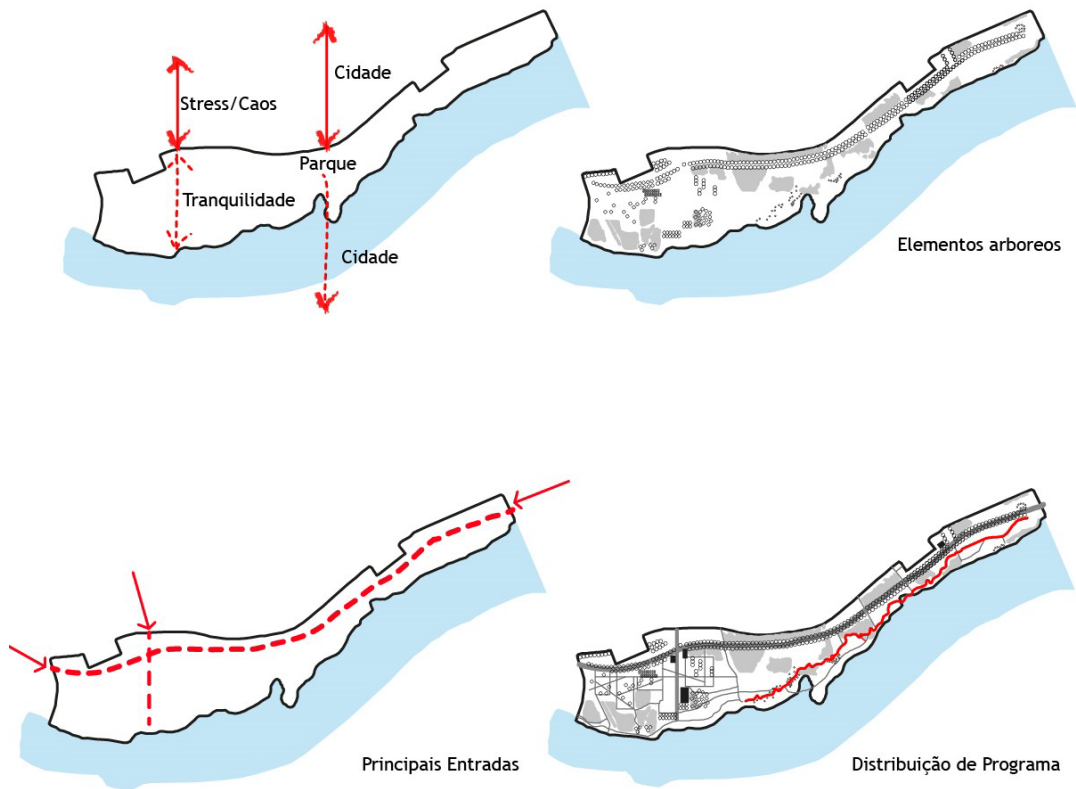


Figura 20 - Diagramas explicativos *Parque Red Ribbon*

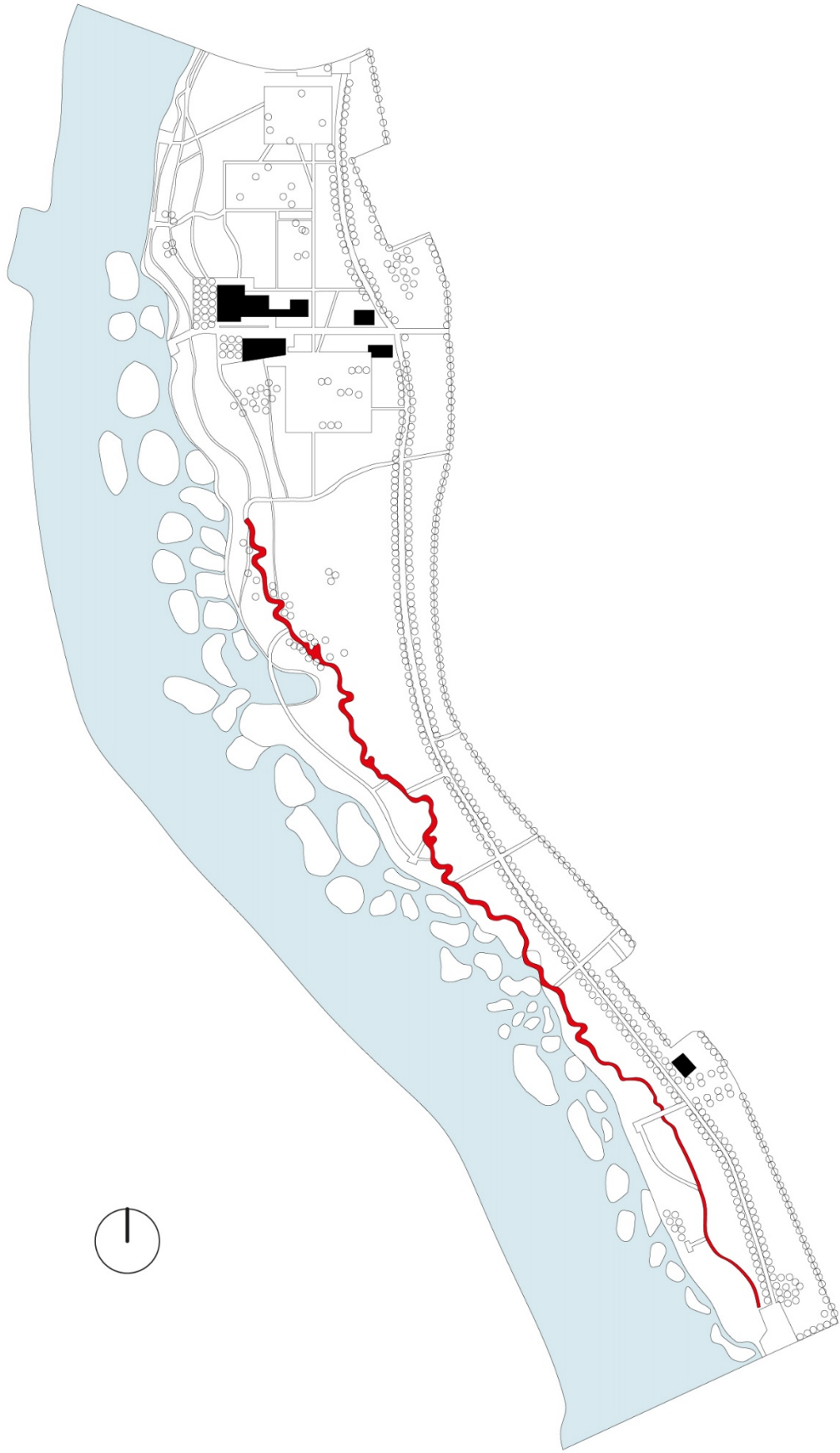


Figura 21- Planta esquemática *Parque Red Ribbon*



Figura 22 - Parque Red Ribbon, 2007

2.6 Síntese conclusiva das referências

Os quatro projectos estudados apresentam uma grande diversidade de soluções, de escalas e de contextos. Contudo, têm em comum a intenção de re-ativar espaços que estavam desocupados ou degradados, gerando mais valias para as cidades e para os seus utilizadores.

O Parc de la Villette incide numa vertente cultural, com um conjunto de equipamentos tais como museu da ciência e indústria, teatros, espaços verdes e programas musicais. O espaço de implantação, de grandes dimensões, foi organizado através de um conjunto de estruturas simbólicas, que funcionam como elementos visuais, e podem ser utilizadas de forma flexível, não tendo qualquer tipo de função, permitindo assim a liberdade de interação e interpretação do visitante.

O Parque Ribeiro de Matadouro foi pensando em três aspectos, o lugar, a estrutura e as pessoas. O lugar segue como o espaço interventivo, convertendo um “não lugar” em espaço de lazer; a estrutura funciona enquanto elementos de percurso e de mobiliário urbano; e as pessoas são consideradas elementos activos do parque. A organização da estrutura pedonal em formato de “teia de aranha” estende-se ao longo do terreno paralelamente à Ribeiro do Matadouro. Devido ao solo pantanoso, os percursos são elevados em plataformas de madeira, gerando-se uma harmonização com o lugar e privilegiando o movimento de caminhar, andar de bicicleta e ao mesmo tempo contemplar a natureza. Os espaços de paragem/movimento, sentar/deitar, entre outras apropriações possíveis são definidos por estruturas simbólicas fixas em origami, com dupla função, estética e funcional.

Parque Bicentenário Infantil é um espaço destinado às crianças. A sua localização na cidade de Santiago no Chile é problemática, devido à grande agitação automóvel e pedonal; no entanto, o parque serve de separador entre a cidade e o espaço natural (a montanha de San Cristóbal). Deste modo, o parque é separado da cidade através da utilização de uma estrutura em barreira, de função pedonal e que se estende em toda a frente ao longo de um comprimento de 300 metros. A relação com o terreno é estabelecida em diferentes programas, distribuídos e organizados em função da topografia existente, aproveitando-se a inclinação para a colocação de escorregas e outros elementos, tais como as casas na árvore, bem como vários nichos de recreio e edifícios de restauração, quiosque e instalações sanitárias.

Finalmente, o Parque Red Ribbon é o projecto mais simples em termos de intervenção. A sua estrutura zigzagante configura um elemento de carácter singular, privilegiando a natureza e a frente de rio, separando-os da cidade. A solução de design é materializada em fibra de vidro e sugere vários usos, tais como assento, barreira, iluminação e permite a prática de actividades físicas e desportivas como a corrida, natação e a pesca.

Em todos os casos analisados é importante destacar as diferentes estruturas e elementos simbólicos utilizados como conectores entre as cidades e os parques. Estas estruturas organizam os espaços de

cada parque pela sua escala, composição e posição, influenciando o tipo de programa e a movimentação das pessoas com o contexto. Todos estes exemplos foram de grande importância na construção da proposta para Foros de Arrão.

3 Projecto de Residências Artísticas em Foros de Arrão

3.1 Aldeia de Foros de Arrão

Foros de Arrão é uma freguesia e aldeia no interior do País, localizada a sudoeste do concelho de Ponte de Sor, distrito de Portalegre, pertencente à região de Alto Alentejo. Em 2011, possuía uma população de 919 habitantes (Censos, 2011), o seu território tem uma área de 83,71 km² e a sua densidade populacional é de 11hab/km².

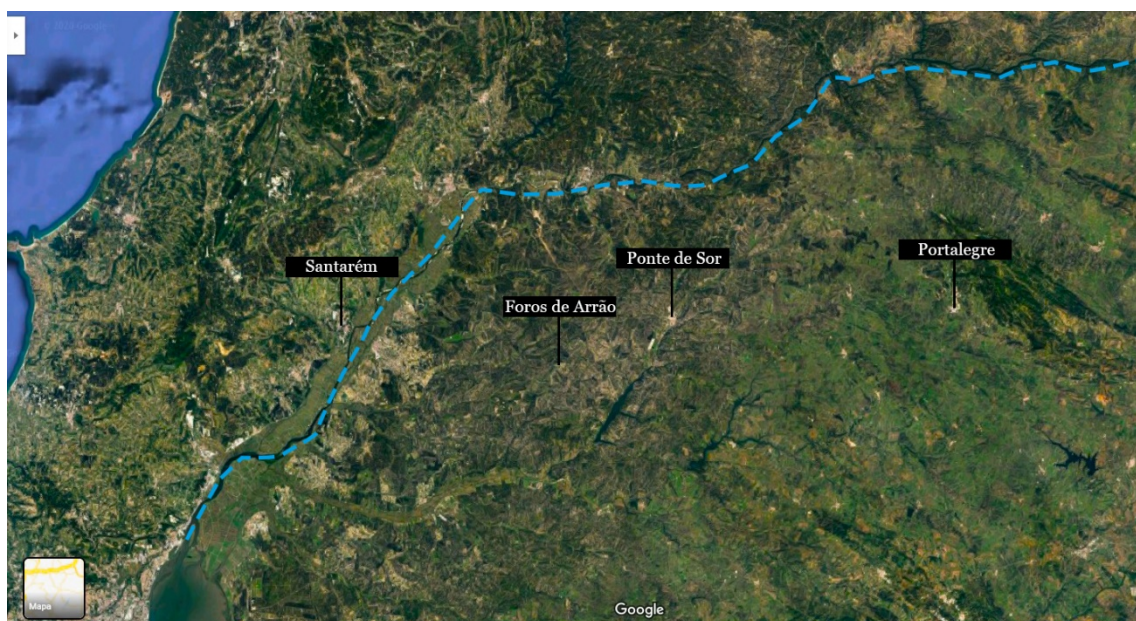


Figura 23 - Localização de Foros de Arrão

O surgimento da aldeia remonta a 1912; até então, este território pertencia a antiga Herdade do Arrão (Silva, 2014). Segundo testemunhos locais, o proprietário Pedro Aleixó Falcão decidiu aforar parte das suas terras, dividindo-as em foros ou talhões para que pessoas com menos recursos financeiros pudessem habitar e trabalhar nas herdades das proximidades. As primeiras famílias que aqui se estabeleceram seriam provenientes da Chamusca, Mação e Abrantes.

Em 1981, a instalação da rede elétrica fez aumentar o número de habitantes e permitiu a abertura de estabelecimentos como snack-bares, minimercearias, oficinas de bicicletas e motorizadas, tais como outros serviços que até então não existiam. A falta de infraestruturas em “montes e herdades” nos

arredores da povoação fez que com que pessoas que viviam e trabalhavam nessas zonas optassem por se mudarem para a aldeia, contribuindo para a sua consolidação urbana, segundo dados obtidos em conversa informal.

A paisagem predominante nesta região é de vegetação arbórea densa, com oliveiras, sobreiros, eucaliptos e pinheiros, em todo o perímetro da aldeia. Ainda relativamente a questões paisagísticas, existem algumas lagoas distribuídas pelo território (figura 24).



Figura 24 - Fotografia aérea - núcleo urbano norte, Foros de Arrão

Em observação directa à aldeia de Foros de Arrão observou-se que existem dois núcleos urbanos homogéneos, separados (figura 25). A sul, a malha urbana está delimitada por duas ruas principais, a este pela estrada N243 e a oeste pela rua Garibaldine de Andrade, entre os eixos viários articulam perpendicularmente ruas secundárias de menores dimensões. A distribuição das habitações é dispersa pela malha urbana. A circulação automóvel e pedestre é mais acentuada na estrada N243, por ser a única via alcatroada que une os dois núcleos.

A norte, a consolidação urbana existe no centro da aldeia de Foros de Arrão, a maioria das habitações estão dispostas lado-a-lado, as ruas amplas e largas promovem a circulação de pessoas e veículos, existe comércio, serviços e elementos simbólicos.

Numa visão integradora da proposta de Residências Artísticas Temporárias em Foros de Arrão, foi seleccionado o núcleo norte considerando o critério de consolidação urbana e a presença de elementos simbólicos na paisagem, para tal procederá a análise mais detalhada, a fim de permitir a criação de premissas para a concretização do projecto.



Figura 25 - Planta de ordenamento do território, Foros de Arrão

3.1.1 Núcleo Urbano Norte

A parte norte da aldeia é designada localmente por Foros de Cima ou Foros de Arrão de Cima. Esta parece ter sido a primeira zona a ser povoada, devido à proximidade com as duas vias rodoviárias que ligam Ponte de Sor a Abrantes, no lado nordeste e Alpiarça a Santarém, a oeste. A malha urbana organiza-se de forma “radial”. Os principais arruamentos (figura 26, a vermelho) são: estrada N243, rua Avenida da Liberdade, rua Sidónio Pais, rua do Moinho de Vento, rua Ary dos Santos, rua António Aleixo e rua Dezassete de Outubro. Todas estas vias se articulam com a rua Estrada de Coruche, sendo o eixo desta via o limite fronteiriço entre o distrito de Santarém e Portalegre.

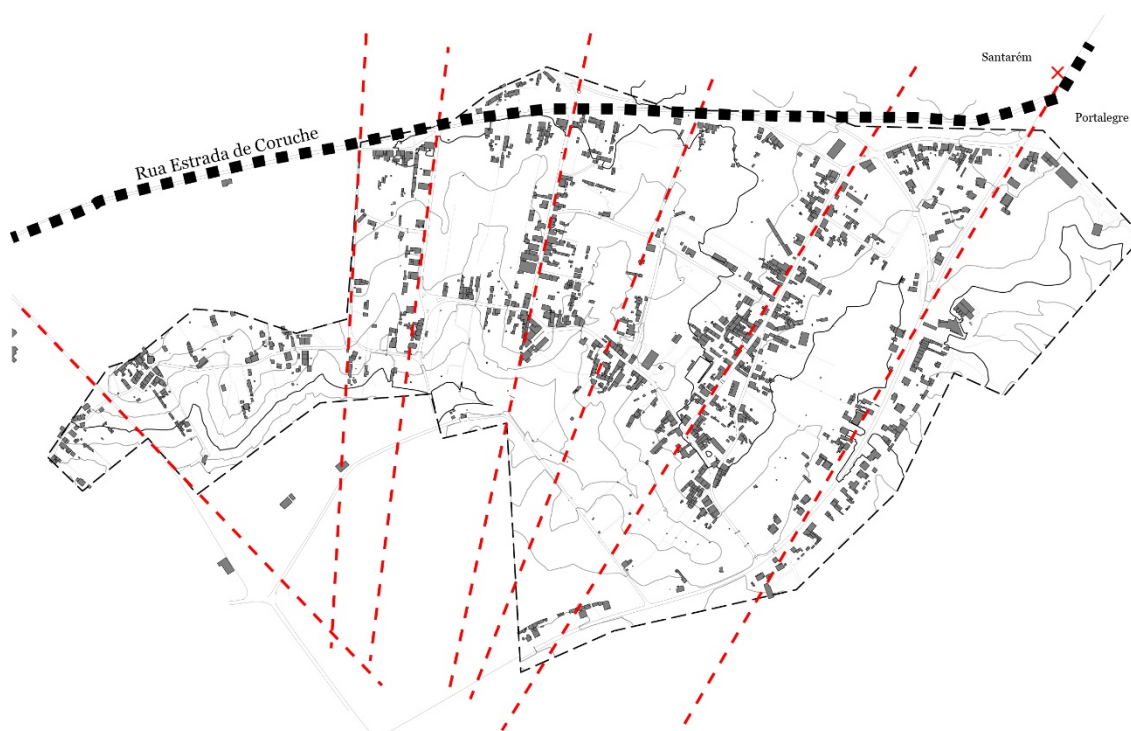


Figura 26 - Planta de ordenamento - núcleo urbano de Foros de Arrão

Embora não exista uma centralidade urbana definida, com uma praça ou largo que permita identificar uma organização espacial do lugar, é possível observar que existe uma maior consolidação urbana na rua do Moinho do Vento, à esquerda e à direita a rua da Avenida da Liberdade (figura 27), pelo facto de existirem um conjunto de infraestruturas e serviços como a Junta de Freguesia, a escola, posto médico, farmácia e mercearia que permitem o desenvolvimento e a sustentabilidade local.



Figura 27 - Planta de ordenamento - Eixos viários rua Moinho de Vento e rua Avenida da Liberdade

3.1.2 Elementos simbólicos do espaço

No conjunto urbano de Foros de Arrão, alguns elementos se destacam, quer pelas suas características físicas, quer pela sua singularidade no território.

Assim, identificamos na aldeia quatro elementos simbólicos marcantes: a) o Moinho de vento, b) o Reservatório de água, c) a Igreja de Santa Maria, d) a Escola primária.

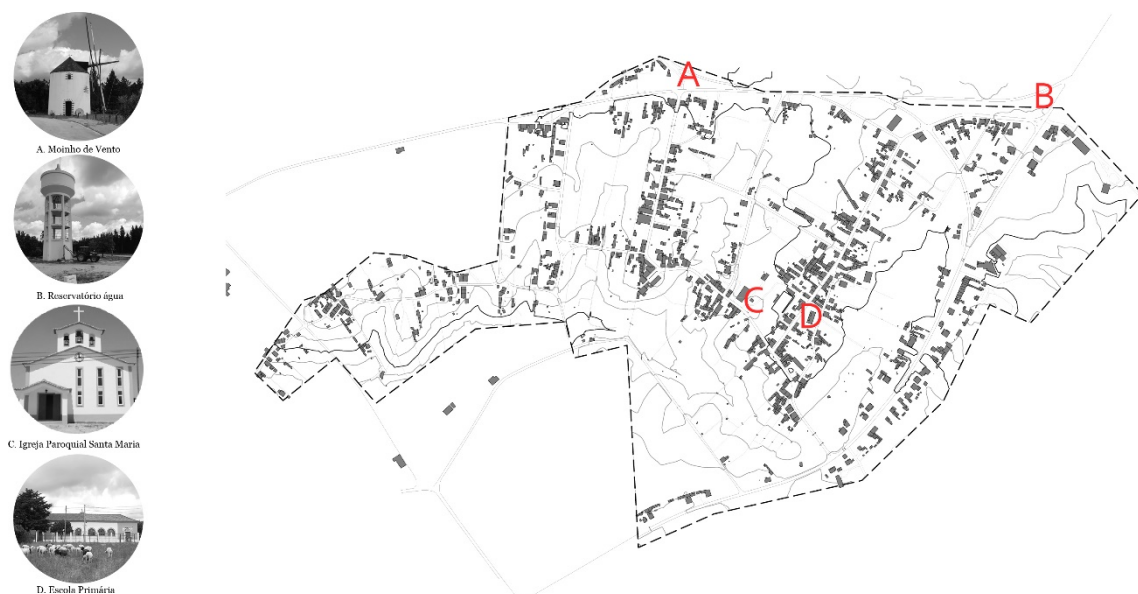


Figura 28 - Identificação de elementos simbólicos

O Moinho de vento (a) data de 1932-33 (Junta de Freguesia de Foros de Arrão, 2020), sendo a sua construção realizada em comunidade pelas primeiras famílias de Foros de Arrão e contribuindo para sustentabilidade de uma população com carências alimentares, cujo que semeavam era para sustento próprio (ex. produção de trigo e aveia para a confeição do pão). A sua localização encontra-se no limite norte da aldeia (figura 28).



Figura 29 - Moinho de vento, 2020

O Reservatório de água (b) data de 1979-80. Segundo conversa informal com habitantes locais, este elemento contribuiu para o início da rede de águas canalizadas em Foros de Arrão. A captação da água era proveniente das bacias hídricas das lagoas dos cortadores localizadas a norte do reservatório. Nos anos 20 a captação da água passou a fazer-se numa perfuração no solo com uma profundidade de cento e vinte metros junto à estrutura do reservatório (Acta: n°02/06).

Este elemento simbólico encontra-se localizado no extremo nordeste da aldeia de Foros de Arrão e é o primeiro objecto arquitetónico visível da estrada EN243 no sentido de Ponte de Sor a Foros de Arrão. A volumetria e a altura permitem observá-lo em diferentes zonas da aldeia, sendo um objecto marcante na paisagem (figura 30).

Antes da construção do reservatório, as pessoas deslocavam-se regularmente às redondezas da aldeia para apanhar água às fontes naturais, esta prática era normalmente destinada às aguadeiras que transportavam à cabeça os potes de barro com água. Actualmente, essa prática é representada por dança no rancho folclórico da associação AFATI (Grupo de danças e tradições AFATI, 2004).



Figura 30 - Reservatório de água, 2019

A Igreja da paróquia de Santa Maria (c) data de 2010 (Diocese de Évora, 2010). Este é o elemento simbólico construído mais recentemente, comparativamente com os outros elementos simbólicos analisados. O edifício religioso surge pela falta de um espaço onde se pudesse realizar casamentos, batizados e missas. A população de Foros de Arrão, em ocasiões religiosas, tinha de deslocar cerca de vinte quilómetros à freguesia de Montargil para celebrar casamentos, batizados e missas. Em 2006, a Diocese de Évora conjuntamente com a câmara de Ponte de Sor e Junta de Freguesia de Foros de Arrão iniciaram o processo para construção (Acta: nº07/09), sendo inaugurada a 13 de setembro de 2010 (figura 31).

A Igreja de Santa Maria localiza-se no centro da aldeia de Foros de Arrão, na rua 25 de Abril, muito próximo da principal rua de Foros de Arrão, Avenida da Liberdade, que se encontra na análise urbana nesta dissertação (figura 28).



Figura 31 - Igreja Paroquia de Santa Maria, 2010

Segundo habitantes de Foros de Arrão, a Escola primária (d) data de 1957. Este objecto arquitetónico pertence ao plano dos centenários. Estima-se que a sua construção tenha começado nos meados dos anos 50. A planta original é simétrica e divide-se em duas salas de aula e duas salas de infantário e duas instalações sanitárias, sendo esta composição espacial organizada desta forma para separar as classes por sexo (masculino e feminino). Actualmente, a escola funciona com o serviço de infantário e com o ensino básico do 1º ciclo ao 5º ciclo. Este elemento simbólico localiza-se no centro da aldeia de Foros de Arrão na rua Avenida da Liberdade (figura 32).



Figura 32 - Escola primária de Foros de Arrão de Cima, 2020

3.1.3 Caracterização da área a intervir

Atendendo à realidade da aldeia de Foros de Arrão, denota-se, entre outros problemas, a falta de espaços públicos que promovam atividades e sociabilização, por parte de diferentes faixas etárias. Recorrendo ao contacto com o território e à observação directa, foi seleccionada uma área de trabalho, para desenvolver a implantação de um espaço público para esse efeito (figura 33).



Figura 33- Planta de localização - Área de intervenção urbana

No local, foi possível observar a presença de dois elementos simbólicos, o Moinho de vento a oeste e o Reservatório de água a este, caracterizando a parte norte da aldeia. Estes dois elementos simbólicos estabelecem relações visuais com a sua envolvente e definem alinhamentos nas ruas onde se inserem. No entanto, embora se localizem na mesma faixa territorial, não existe qualquer tipo de ligação pedonal entre si.

O terreno onde se posicionam estes elementos caracteriza-se por uma área aproximada de 3,5 hectares e o seu estado actual é desocupado. A sua topografia tem declives pouco acentuados e possui pontualmente elementos arbóreos dispersos. Este espaço separa o edificado residencial à esquerda com a zona de reserva natural à direita (figura 34).



Figura 34 - Fotografias no local de intervenção

3.1.4 Local de intervenção: confrontação com os instrumentos de gestão territorial

O local de intervenção é dividido pelo município de Ponte de Sor e pelo município de Chamusca, desta forma é necessário referir as condicionantes e as características do terreno que resultam da confrontação com os instrumentos de gestão territorial em vigor, neste caso o PDM de Ponte de Sor e o PDM de Chamusca. De notar que o local de intervenção é uma área que se encontram em análise na revisão deste PDM, com o objectivo de redefinir os limites municipais e a alteração da classificação do tipo de solo.

No entanto, actualmente, os limites municipais dividem a área de intervenção em duas partes. Pela estrada EN243 ao eixo da rua dos Combatentes o território pertence ao município da Chamusca, sendo esta área, no respectivo PDM classificada de Reserva Agrícola Nacional (RAN) que significa, segundo o artigo 21º do PDM da Chamusca, a impossibilidade de se fazer qualquer tipo de construção que não seja de apoio ou de relação direta à prática da agricultura. Contudo, como referido anteriormente, esta área encontra-se em análise para a mudança na classificação do tipo de solo (RAN) para espaço verde urbano (equipado), por este motivo assumimos a viabilidade da proposta de projecto da dissertação (figura 35).



Figura 35 – PDM Chamusca - Planta de condicionantes

Seguidamente, a rua dos Combatentes até a rua Moinho de vento, o território pertence ao município de Ponte de Sor, o tipo de solo está classificado como espaço de urbanização programada de expansão de média e baixa densidade. O que permite a concretização de uma proposta que possa requalificar o local (figura 36).

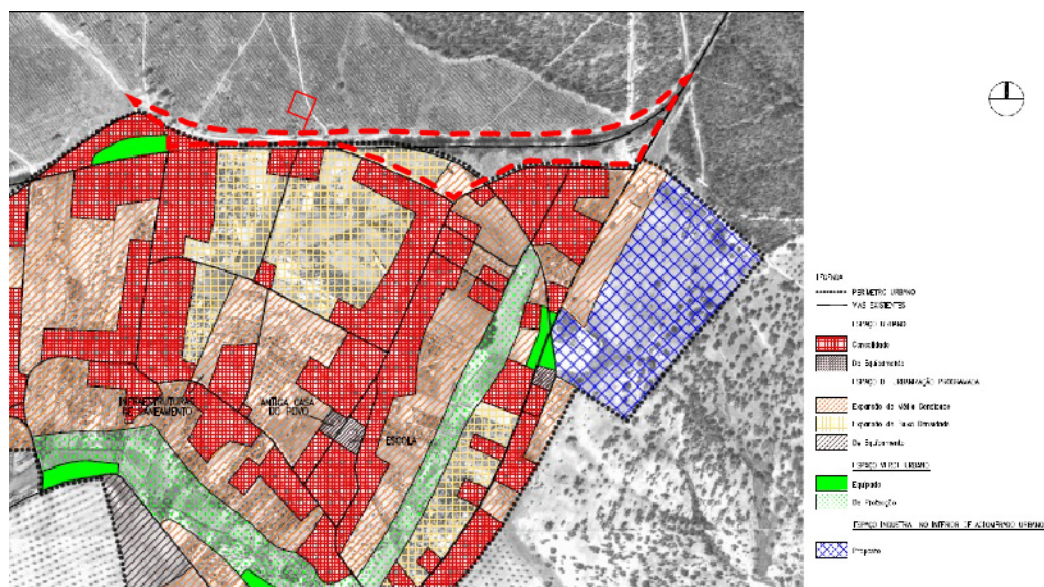


Figura 36 – PDM Ponte de Sor - Planta de condicionantes

Por fim, a norte rua Estrada de Coruche, toda a zona arbórea é classificada segundo a Planta de Condicionantes do município da Chamusca como Reserva Ecológica Nacional (REN). O PDM de Chamusca, artigo 23º - Espaços naturais e culturais, remete ao artigo 3 do decreto de lei nº93/90, que menciona o seguinte:

“2- As propostas de delimitação são elaboradas pelas comissões de coordenação regional, com base em estudos próprios ou que lhes sejam apresentados por outras entidades públicas ou privadas, e ponderada a necessidade de exclusão de áreas legalmente construídas ou de construção já autorizada, bem como das destinadas à satisfação das carências existentes em termos de habitação, equipamentos ou infra-estruturas.”

Conclui-se assim que a proposta de Residências Artísticas Temporárias ao serem implantadas em solo classificado como REN estará alvo de análise e de ponderação pelas comissões de coordenação regional. Contudo, a aprovação da proposta compete aos Ministros do Planeamento e da Administração do Território, da Agricultura, Pescas e Alimentação, das Obras Públicas, Transportes e Comunicações e do Comércio e Turismo.

Assumindo desde o início que a proposta se enquadra no âmbito académico, o autor tem a consciência que existem condicionantes no local de intervenção, como caso das zonas REN e RAN. Não obstante, decidiu-se intervir nessas zonas pelo motivo de requalificar a aldeia no perímetro norte, consolidando a malha urbana por via de um espaço público que estabelece percursos pedonais aos elementos simbólicos existentes. A implantação da proposta nesse território servirá de conector visual e físico entre a paisagem urbana da aldeia e a paisagem natural da zona REN.

Pretende-se ainda que a proposta de intervenção urbana seja de intervenção mínima na zona classificada como REN, na medida que preserve ao máximo o ambiente natural existente. Sempre que o projecto ocupe zonas protegidas, a vegetação presente será reposta em outras partes do espaço público, permitindo um equilíbrio entre a proposta e a natureza.

O edifício de Residências Artísticas Temporárias implanta-se na floresta, designada pelo PDM da CMC, por zona REN, o que impossibilita a construção deste projecto. Contudo, tratando-se de um projecto académico que visa a sustentabilidade da aldeia de Foros de Arrão e recorrendo ao exemplo da residência artística de Cerdeira, localizada na serra da Lousã em contexto florestal. Decidiu-se implantar o edifício na floresta, por ser um contexto que proporciona aos artistas o contacto directo à natureza, a redução de stress e o bem-estar.

3.1.5 Eixos simbólicos e criação de percursos

O espaço público organiza-se fundamentalmente por quatro ruas (figura 37): a rua do Moinho de vento, a rua Sidónio Pais, a rua Avenida da Liberdade e a estrada N243, todas elas convergem da aldeia para o local de intervenção. Os elementos simbólicos localizam-se nos limites do local de intervenção (ponteadado vermelho figura 37), pelo que as duas ruas intermédias não possuem elementos simbólicos, embora a relação visual seja directa com o local de intervenção. Neste sentido, a proposta visa a criação de espaços e percursos que possam estabelecer relações visuais e físicas entre as ruas e o espaço público.

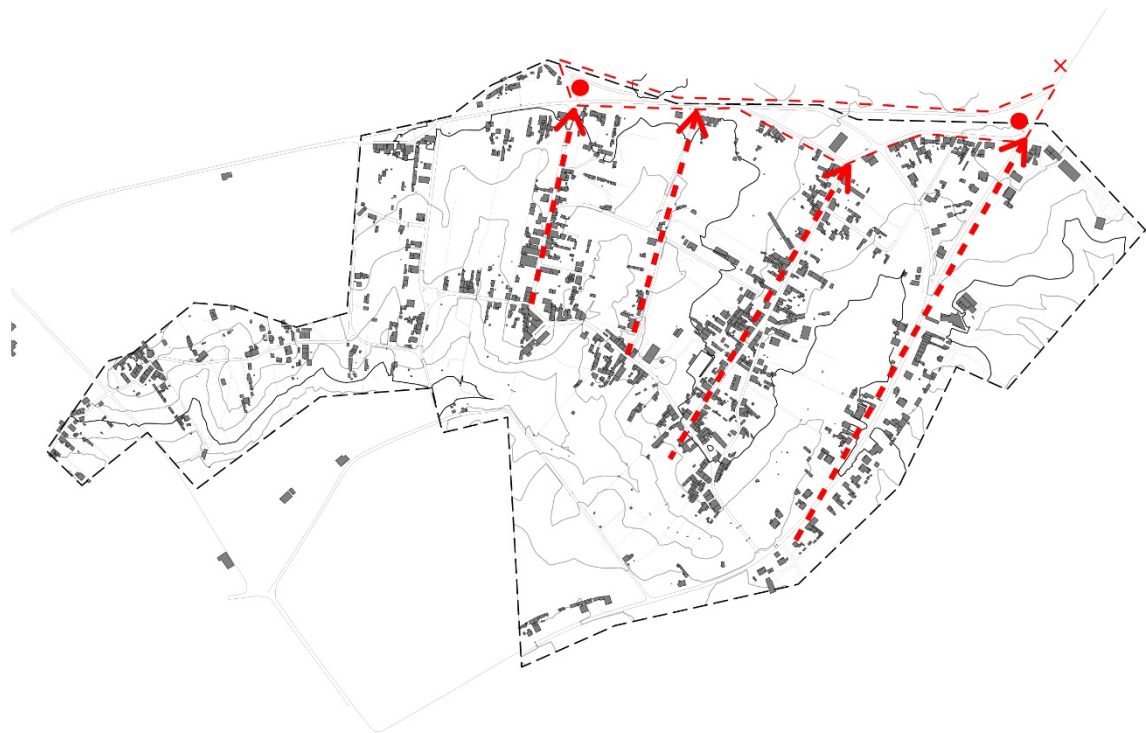


Figura 37 - Planta de localização - Arruamentos analisados

Seguidamente, atendendo à explicação anterior, procedeu-se à análise das ruas através de observação directa, definindo-se quatro percursos que iniciam sempre no sentido sul a norte, ou seja, da aldeia para o local de intervenção. Pretendeu-se com esta análise compreender a escala dos edifícios que delimitam as ruas, a largura da via rodoviária, a escala e os alinhamentos visuais dos elementos simbólicos em relação aos eixos viários.

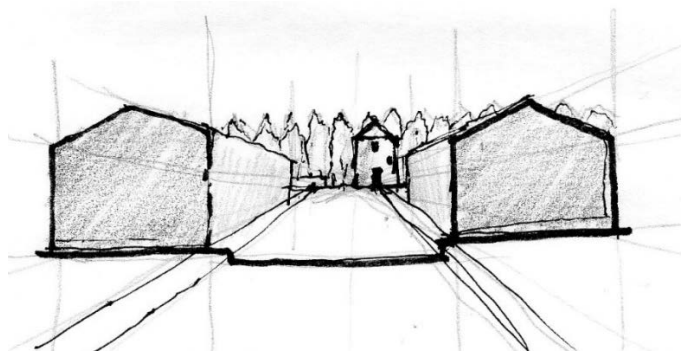


Figura 38 - Croqui rua Moinho de Vento

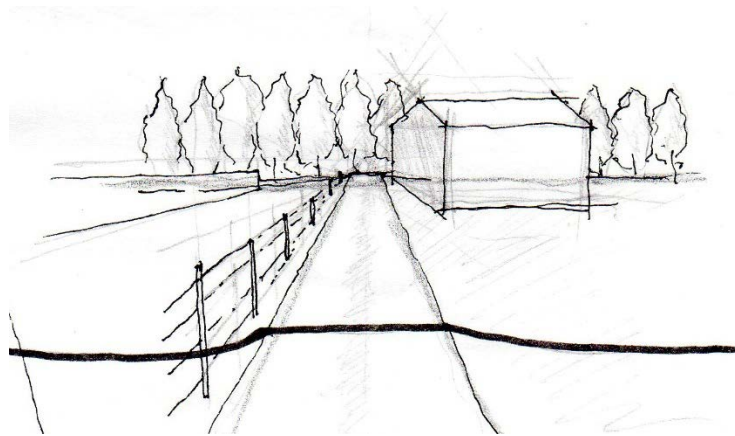


Figura 39 - Croqui rua Sidónio Pais

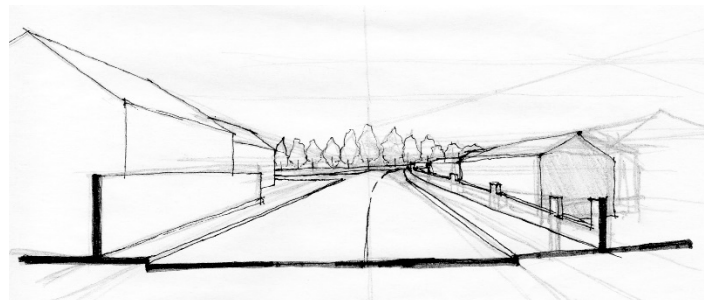


Figura 40 - Croqui rua Avenida da Liberdade

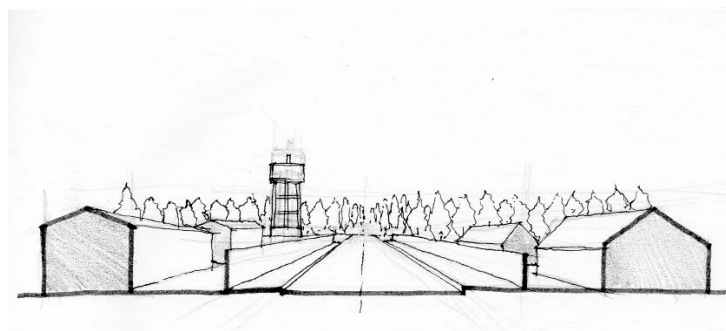


Figura 41 - Croqui rua EN 243

Iniciou-se o percurso na rua do Moinho de Vento (Figura 42), a qual se particulariza pelo alinhamento visual directo no início da rua em relação ao elemento simbólico Moinho de Vento localizado a norte. A largura da rua totaliza nove metros, sendo que seis metros são faixa de rodagem e os restantes divididos pelos passeios para peões. A cêrcea na maioria das edificações não ultrapassa os seis metros e os edifícios são geminados. O Moinho de Vento destaca-se na paisagem urbana pela articulação directa com o eixo viário, embora esteja descentrado e afastado das habitações, o seu posicionamento e a volumetria permitem visualizá-lo na integra.



Figura 42 - Rua do Moinho de Vento

A rua Sidónio Pais é separada perpendicularmente pela rua Manuel Lopes Oliveira (traço interrompido a negro Figura 43). A divisão da rua Sidónio Pais provoca a leitura visual e pedonal em duas situações distintas. A sul, a rua está alcatroada e existem algumas habitações dispersas até ao cruzamento da rua Manuel Lopes Oliveira. A norte, o pavimento está em terra batida e a rua em ambos os lados está desocupada. O uso desta estrada normalmente serve para passagem de veículos agrícolas, bicicletas e pessoas. O alinhamento visual da rua Sidónio Pais com o local de intervenção só é visível a partir da metade da rua, após o cruzamento da rua Manuel Lopes Oliveira.



Figura 43 - Rua Sidónio Pais

A Avenida da Liberdade foi das primeiras vias construídas na aldeia de Foros de Arrão, tendo sido fundamental para a organização da malha urbana existente. Esta avenida estende-se por novecentos metros e une o centro da aldeia à entrada viária localizada a norte na estrada N243.

Ao longo da rua, a consolidação urbana é evidente, embora seja mais concentrada no início, onde se localiza o comércio, a escola e os serviços. O perfil da rua é semelhante à rua Moinho de Vento, contudo a maioria do edificado não ultrapassa os três metros de cêrcea. O local de intervenção é visível a meio da rua (figura 44), sendo delineado paralelamente com a rua Avenida da Liberdade, após o cruzamento da rua 21 de Maio.



Figura 44 - Rua Avenida da Liberdade

A estrada N243 tem uma extensão de cinco quilómetros e une os dois núcleos urbanos sul e norte. O perfil da rua é largo, com uma faixa de rodagem de seis metros de largura e dois metros nos passeios. A diferença deste perfil em comparação aos perfis analisados anteriormente é o afastamento do edificado em relação ao eixo viário (figura 45). O elemento simbólico Reservatório de água não se alinha com o eixo da estrada N243, contudo posicionado à esquerda estabelece relação visual com a rua, por se tratar de um elemento arquitetónico alto e isolado da paisagem urbana permite que seja observado em diferentes zonas da aldeia.



Figura 45 - Estrada EN243

4 Projeto intervenção em Foros de Arrão

A proposta de projecto contempla duas vertentes. Numa escala predominantemente urbana pretende-se primeiramente requalificar uma área da aldeia de Foros de Arrão, tendo como proposta um novo espaço público. Paralelamente e numa área próxima, propõe-se um edifício de Residências Artísticas Temporárias, interligado com a proposta de espaço público.

4.1 Descrição da proposta de intervenção urbana

Como já foi mencionado, recorrendo à observação directa, definiu-se a área de intervenção, tendo como limites o elemento simbólico Moinho de Vento, a oeste até ao elemento simbólico Reservatório de água, na zona este.

A proposta de novo espaço público tem como objectivo requalificar o perímetro norte da aldeia de Foros de Arrão. Pretende-se a ligação pedonal aos elementos simbólicos existentes, articulando novos espaços de mobilidade que beneficiarão a circulação pedonal, a prática de desporto, o convívio social, a cultura, a natureza (figura 42).

O espaço público criado divide-se em quatro campos de sociabilização: o espaço cultural, o espaço interpretativo, o espaço de lazer e o espaço de ginástica. A organização dos espaços faz-se por alinhamentos de eixos das ruas que convergem com o local de intervenção, mantendo-se a leitura contínua da malha urbana, a circulação directa do interior da aldeia para este espaço e a relação dos eixos visuais das ruas com os elementos simbólicos.

Para uma imagem conjunta do espaço público com os elementos simbólicos, serão utilizadas três materialidades, o pavimento vegetal, o pavimento em saibro e o pavimento em betão. Os elementos naturais (árvores e arbustos) serão dispostos ao longo do espaço público, numa lógica de sombreamento em espaços de permanência, de afastamento em espaços de transição e elemento barreira visual e sonora em zonas de tráfego automóvel.

O espaço gerado integra as seguintes componentes: a Eira, espaço destinado à realização de eventos culturais de pequena escala, o Espaço Interpretativo, espaço de lazer direccionado ao público infantil, o Percurso Pedonal, estrutura de circulação pedonal, a Praça, espaço de permanência social e destinado à realização de eventos culturais e sociais, o Posto Regional, edifício destinado à comercialização de produtos regionais, o Parque Geriátrico, espaço destinado à prática de desporto e manutenção física e a Estrutura Guia, estrutura que articula no terreno todos os componentes anteriores.



Figura 46 - Proposta de Intervenção urbana

4.1.1 A Eira

A Eira consiste numa laje de forma circular que serve para a prática agrícola de descamisar milho e feijão. Este elemento está ligado à tradição colectiva da aldeia de Foros de Arrão, em que mulheres e homens se juntavam em volta da eira a descamisar o milho e ao mesmo tempo cantavam cantigas locais. Após o descamisar espalhavam o milho na eira para deixar secar, no fim do período da secagem o milho era levado para o Moinho de vento para ser moído pelas mós. A seguir à moagem, os grãos de milho ficavam em farinha e esta era utilizada para a confeção do pão.

Actualmente, junto ao Moinho de vento existe ainda uma eira. Este é hoje um elemento simbólico, uma memória das práticas agrícolas que se extinguiram. Na área envolvente ao moinho, a população de Foros de Arrão tem vindo a promover a realização de eventos culturais, tais como, noite de fados, aniversário AFATI, Dia dos Moinhos. Desta forma, observa-se um interesse colectivo na apropriação do espaço para actividades culturais ligadas à tradição e costumes da aldeia de Foros de Arrão.

Contudo, a falta de uma área destinada à recepção de equipamentos e aparelhos de som e luzes, de palco de actuações e de bancadas, não possibilitou de modo fácil a articulação para os eventos já realizados. Pretende-se que a proposta venha beneficiar o local, com o fim de permitir a realização de eventos culturais de pequena escala, como é o caso das danças tradicionais do rancho folclórico, de peças de teatro, ou seja, eventos ligados à tradição e costumes da população de Foros de Arrão.

O objecto arquitetónico que se pretende implementar no local será uma nova Eira de dimensões apropriadas à realização dos eventos mencionados anteriormente.

Esta proposta tem como premissas o respeito pelos elementos simbólicos existentes, na qual se adaptará a nova Eira de modo a respeitar a paisagem simbólica do lugar, a promoção de um espaço de permanência, no qual os utilizadores do espaço poderão de modo confortável assistir a eventos diversos.



Figura 47 – Nova Eira

4.1.2 Percurso Pedonal

O percurso pedonal é o elemento do espaço público mais importante da proposta. O objectivo principal será estabelecer a ligação pedonal entre os diferentes elementos simbólicos, já descritos. Pretende-se que este percurso seja promotor de hábitos saudáveis, prática de exercício de corrida, de caminhar, andar de bicicleta ou simplesmente um espaço de permanência, visto que terá uma estrutura que permitirá as pessoas sentarem-se. A vegetação proposta será rasteira do tipo garrigue e maquis e as árvores de médio porte entre cinco a nove metros, *Phylyrea Latifolia* (aderno), *Sorbus Aucuparia* (tramazeira), estas árvores do tipo caducifólia, perdem as folhas no período do inverno, esta particularidade permite que no verão o percurso seja sombreando e fresco e no inverno o percurso esteja mais exposto ao sol permitindo a iluminação natural (Figura 48).



Figura 48 - Identificação do percurso pedonal

Por outro lado, A implantação do percurso permitirá organizar a malha urbana da aldeia no perímetro norte. Por via da observação directa no local verificou-se a escassa utilização das ruas Estrada de Coruche e rua dos Combatentes, ambas localizadas na zona em que se pretende intervir. Como a proposta de percurso irá ocupar parte da Estrada de Coruche, optou-se por desviar o tráfego automóvel para a rua 21 de Maio (Figura 49). Desta forma, permite-se a ligação directa do espaço público à zona de floresta, onde se localizará a Residência Artística Temporária, afastando a faixa rodoviária da zona protegida REN, salvaguardando a natureza existente e transformando um percurso automóvel num percurso pedonal.

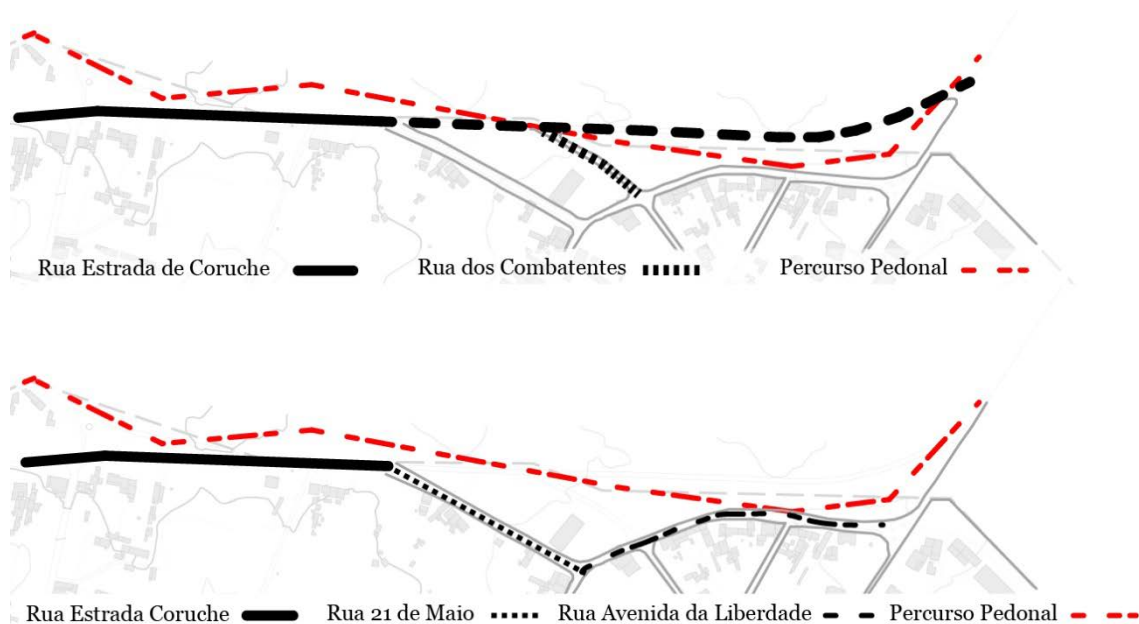


Figura 49 - Alterações na rede viária

A largura de quatro metros beneficiará a mobilidade suave aos utilizadores do espaço e dada a necessidade de salvaguardar a zona REN, esta dimensão permite a realização de trabalhos contra incêndios. O percurso contribui também, em termos de PDM, para a definição do perímetro territorial entre o Município de Chamusca e Município de Ponte de Sor.

4.1.3 Praça

Em Foros de Arrão, não existe um centro urbano ou praça congregadora de vivências e encontros sociais. Contudo, a sul, na Avenida da Liberdade, existe mobilização diária e constante de gente, pelo facto de existirem diversos serviços e espaços comerciais. Porém, esta via não dispõe de áreas para a permanência social, nem espaços verdes.

Atendendo à necessidade de um espaço de permanência, a proposta visa a criação de uma Praça que promova a permanência social, a realização de eventos culturais e eventos sociais. A implantação será delineada pela rua 21 de Maio e pelo alinhamento do eixo da Avenida da Liberdade.

A proximidade da praça a norte da Avenida da Liberdade contribui para a valorização urbana e caracterização desta via, promovendo uma circulação mais activa e contribuindo para a sua caracterização como eixo principal.

O sombreamento da praça será assegurado por árvores do tipo *Pinus pinea* (pinheiro manso), árvores de grande porte que alcançam uma altura entre os 12 a 20 metros. A sua copa alta e permite comunicação visual na praça (Figura 50).



Figura 50 - Praça

4.1.4 Posto regional

O Posto Regional foi pensado em sentido aberto, ou seja, não há intenção de propor um edifício em concreto, mas sim uma área de implantação que possa ser utilizada para uma futura proposta, deixando em aberto a possibilidade de intervenção. Contudo desenvolveu-se o programa funcional que regula o futuro edifício.

É importante referir que o objectivo principal do posto regional é a comercialização de produtos regionais do concelho de Ponte de Sor, promovendo a produção de produtos artesanais e permitindo a sustentabilidade de pequenos e médios produtores locais.

Mais uma vez, a localização do posto regional junto à praça e no alinhamento pelo eixo viário da Avenida da Liberdade vêm contribuir para aumento da mobilidade na rua e a permanência no espaço público.

A principal premissa do Posto Regional será o apoio à Praça pela oferta de espaços de restauração, de comércio de produtos regionais. Contempla ainda instalações sanitárias e sala cuidados médicos ou sala de primeiros socorros. Atendendo à identificação dos espaços necessários, definiu-se o programa funcional do seguinte modo:

- Espaço de restauração:

Destina-se à comercialização de alimentos e bebidas, tendo como espaços uma sala de refeições, uma copa, um armazém de secos e um armazém de frios, instalações sanitárias masculinas e femininas, numa área aproximada de cem metros quadrados.

- Espaço de comércio:

Destina-se ao comércio de produtos regionais, com uma área aproximada de vinte e cinco metros quadrados.

- Espaço de cuidados médicos:

Destina-se ao apoio médico em situações de pronto socorro, integrando uma sala com equipamento médico de primeiros socorros, numa área aproximada de doze metros quadrados.

- Instalações sanitárias, integrando três espaços separados, instalação sanitária feminina numa área de quinze metros quadrados, instalação sanitária masculina numa área de quinze metros quadrados e uma instalação sanitária para pessoas com mobilidade reduzida numa área de seis metros quadrados.



Figura 51 - Posto Regional

4.1.5 Espaço Interpretativo

O Espaço Interpretativo surge pela necessidade de integrar na proposta um espaço de carácter lúdico, no qual o público infantil possa brincar de forma saudável e segura. O programa definiu-se por duas referências base, o Parc de la Villette e o Parque Bicentenário Infantil. Observa-se, em ambos os parques a existência de espaços lúdicos, que foram concebidos pela composição de sólidos geométricos distribuídos pelo espaço.

Dada a importância da qualidade do espaço infantil para o desenvolvimento cognitivo, vê-se no espaço interpretativo uma oportunidade de propor um relacionamento livre entre utilizador do espaço e os volumes propostos. Deste modo, a proposta será formalizada pela utilização de sólidos geométricos espalhados aleatoriamente no espaço de modo a que não haja uma lógica de utilização, restrição ou função.

Contudo e dada a importância do espaço é necessário garantir a permanência das crianças de modo cómodo. Para tal, o espaço interpretativo será sombreado por vegetação e árvores de médio porte, mas dada a dimensão do espaço, não é possível sombrear totalmente a área. Desta forma, serão

utilizados repuxos de fonte embutidos nos volumes e no pavimento, para arrefecer o espaço e permitir às crianças a interação com a água.

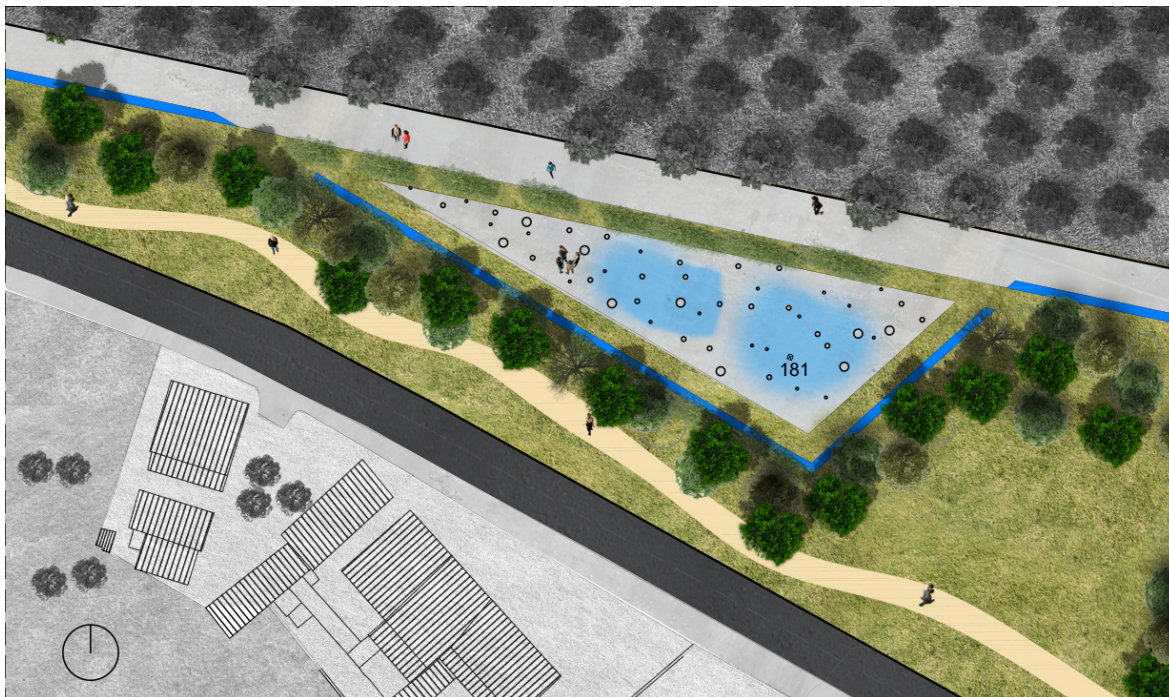


Figura 52 - Espaço Interpretativo

4.1.6 Parque Geriátrico

O Parque Geriátrico, surge da necessidade de um espaço adequado para realização de actividades físicas de manutenção. O espaço tem uma área de setecentos e vinte e cinco metros quadrados, equipada por bancos, bebedouros, aparelhos e objectos lúdicos para o entretenimento de crianças e equipamentos de ginástica para adultos e crianças, desta forma pretende-se proporcionar o convívio social e as práticas actividades físicas em grupo.

A implantação do Parque Geriátrico, próximo à rua EN 243, permite a ligação directa do lar de idosos ao parque. Deste modo, pretende-se promover hábitos de vida saudáveis através da mobilidade pedonal, do exercício físico e do convívio social, beneficiando o estado de espírito saudável destas pessoas.

A aproximação do parque ao elemento simbólico Reservatório de água, beneficia na qualidade visual do espaço. Deste modo, a proposta organizou o mobiliário urbano, as árvores e os equipamentos de ginástica na orientação visual ao elemento.

O sombreamento no parque será assegurado por três tipos de árvores, *Phylyrea Latifolia* (adorno), *Sorbus Aucuparia* (tramazeira) e *Melia Azedarach* (mélia). A distribuição dos elementos arbóreos,

a nascente em adernos e tramazeiras, sendo árvores de médio porte, permitem o sombreamento da luz do amanhecer e a pequena dimensão e altura da copa não prejudica a visão directa ao Reservatório de água. A sul, em mélias, sendo árvores de grande porte e com uma altura de 15 metros, permitem o sombreamento no espaço no período em que a exposição da luz e a temperatura são maiores.

Dado a aproximação à rua Avenida da Liberdade, propõem-se a plantação de vegetação rasteira até 50 cm de altura, junto à faixa de rodagem para atenuar a propagação dos ruídos provenientes da mobilidade automóvel.



Figura 53 - Parque Geriátrico

4.1.7 Estrutura Guia

Paralelamente ao percurso pedonal, a proposta define uma Estrutura de Guia que articula os vários espaços da intervenção urbana, (a Eira, o Espaço Interpretativo, a Praça, o Percorso Pedonal, o Posto Regional e o Parque Geriátrico). Tendo como referência o parque Red Ribbon (capítulo 2.5.4), a Estrutura de Guia tem como funções assento, separação e iluminação.

Assim, a Estrutura Guia como elemento de mobiliário urbano desenvolve-se num comprimento de setecentos metros por sessenta centímetros de altura, ao longo do percurso pedonal, servindo como assento, delimitação de espaços de permanência, elemento ligação aos elementos simbólicos e iluminação noturna.

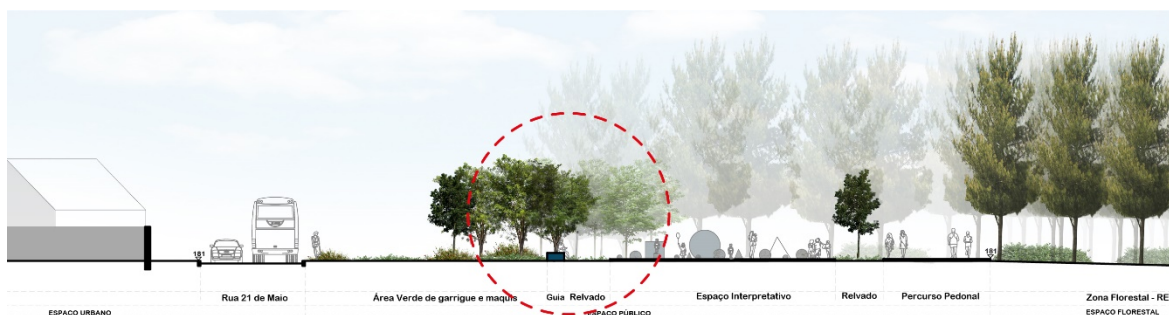


Figura 54 - Identificação da estrutura guia

4.2 Projecto de Arquitectura

4.2.1 Construção do conceito

A proposta de Residências Artísticas Temporárias consiste na criação de alojamento para artistas de diversas áreas. Este programa surgiu da problemática do despovoamento em Foros de Arrão, já aqui abordada. Considera-se que a oportunidade de intervir no território com a proposta de Residências Artísticas Temporárias poderia contribuir para a fixação de pessoas na aldeia e gerar dinâmicas novas.

Assim, a escolha por este tipo de residência surge pela capacidade de se poder trabalhar no mesmo edifício do alojamento, promovendo gerar dinâmicas, apoiando contextos, levando a alterações migratórias e favorecendo o estabelecimento de pessoas, mesmo que temporariamente, em zonas suscetíveis de despovoamento.

Na sequência da intervenção urbana antes descrita, pretende-se criar um edifício que se articule com os novos espaços públicos criados. Assim, a abordagem passa por estabelecer a relação física e visual do eixo viário rua Sidónio Pais com as Residências Artísticas Temporárias.

Outra premissa da proposta de Residências Artísticas Temporárias é a promoção cultural, através da realização de exposições e atuações artísticas dentro da residência, o que contribui para a diversificação de pontos de interesse no espaço público.

4.2.2 Construção do programa

O projecto Residências Artísticas Temporárias tem como principal premissa potenciar a produção de arte. Para isso, a proposta programática organiza-se fundamentalmente em três tipos de espaços: 1) o espaço de dormitório, cuja função será alojar temporariamente os artistas; 2) os espaços de trabalho em que se pretende que os artistas possam desenvolver trabalho em ambiente de ateliers comunitários; 3) por último, os espaços de lazer com a finalidade de convívio social e de actividades relacionadas com a arte.

Pretende-se assim que as residências proporcionem condições de trabalho num ambiente comunitário e que seja um lugar onde possam estabelecer relações sociais para troca de ideias, técnicas e saberes.

O programa de Residências Artísticas Temporárias ocupará de implantação mil duzentos e quarenta e oito metros quadrados, sendo esta área repartida por 4 volumes (Figura 55).

Desta forma, a proposta é constituída da seguinte forma:

O volume 1 por um espaço de refeitório;

O volume 2 é organizado em 2 pisos, sendo que no piso rés-do-chão se encontra o espaço de *coworking*, *ateliers*, instalações sanitárias e comunicações verticais, no primeiro piso, dormitórios e instalações sanitárias e instalações sanitárias privadas;

O volume 3 localizado a norte é organizado em 2 pisos. No piso rés-do-chão o espaço é dividido pelo hall de entrada e sala polivalente, o acesso vertical em rampa circular faz a ligação ao primeiro piso, no primeiro piso, o espaço em galeria de arte para exposições temporárias.

neste piso o volume 3 faz ligação directa com o volume 4 e ambos são espaços para exposição de arte.

O volume 4 elevado a 3 metros do solo e comunica com o volume 3. No primeiro piso, a galeria de arte para exposições temporárias perlonga-se do volume 3 para o volume 4.

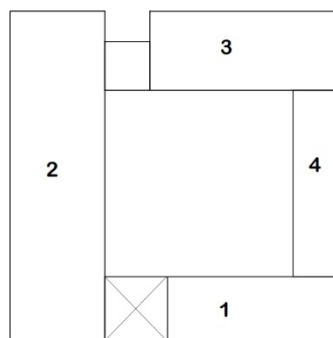


Figura 55 - Organização volumétrica

4.2.3 Descrição da proposta

O projecto de Residências Artísticas Temporárias em Foros de Arrão, surge como resposta ao problema do despovoamento no território do Alto Alentejo, mais concretamente em Foros de Arrão. O principal objectivo é a “reativação” da aldeia, através da criação de dinâmicas culturais que apoiem o estabelecimento de pessoas no território.

As Residências Artísticas Temporárias foram projectadas, tendo como principal referência o projecto “Communal Villa – Production and Reproduction in Artist´s Housing”, do qual se repensou a escala, a volumetria e os espaços que compõem o edifício, de modo a adequar a proposta ao contexto urbano da aldeia. Foram igualmente seguidas as recomendações do guia “Acessibilidade e Mobilidade para Todos”, que explica como os espaços devem ser dimensionados e formalizados para serem confortavelmente utilizados por pessoas com mobilidade reduzida. Posto isto, o edifício visa a utilização integrada entre artistas e visitantes independente das suas limitações físicas.

Assume-se que o projecto de Residências Artísticas Temporárias poderá ter necessidade de alguns espaços que não foram desenvolvidos na proposta. Tendo essa noção, pensou-se que a inexistência desses espaços ou serviços possa ser encarada pelos habitantes de Foros de Arrão como uma oportunidade de poderem desenvolver negócios e serviços que sirvam a população.

Os principais critérios de implantação foram a ligação física e visual entre o eixo viário rua Sidónio Pais com a área de intervenção urbana e o tipo de ambiência da floresta.

A rua Sidónio Pais tem reduzida utilização pedonal e rodoviária, pelo facto de não estar pavimentada e pela inexistência de edifícios. Por estes motivos, torna-se pertinente intervir de forma a dinamizar a rua numa premissa de uso para mobilidade pedonal que estabeleça a ligação aldeia ao edifício de Residências Artísticas Temporárias.

O edifício posiciona-se a norte da aldeia, afastado em relação ao percurso pedonal da proposta de intervenção urbana, realçando uma das premissas do projecto, que procura na floresta um lugar de isolamento urbano, bem-estar, ligação à natureza e introspecção.

A organização volumétrica foi concebida segundo a orientação solar e a partir da utilização de uma quadrícula e por elementos geométricos.

A floresta limita a exposição solar ao nível do solo. Contudo, a orientação dada aos volumes foi definida pela orientação solar na qual se pretende uma luz ténue de maior duração em espaços destinados à prática da produção de arte e uma luz ténue de menor duração em espaços de menor utilização diurna (dormitórios).

A utilização da quadrícula é também adotada do projecto Communal Villa, que permite organizar e proporcionar as volumetrias do projecto. No projeto das Residências Artísticas Temporárias, foi também utilizada a quadrícula, através da métrica 2.05 por 2.05 metros, para a definição de todos os espaços que compõem cada uma das volumetrias (Figura 56).

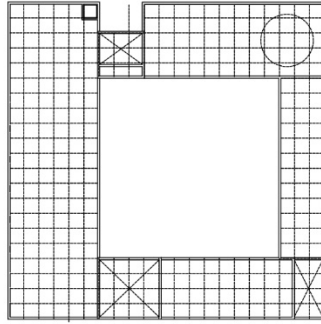


Figura 56 - Quadricula utilizada

Procura gerar espaços propícios à introspecção, definiu-se o edifício pela centralidade espacial que resulta volumetricamente num cheio perimetral e num vazio central (Figura 57). Pretende-se assim que os residentes direcionem o foco visual para o espaço central. No espaço existe vegetação rasteira e pinheiros intervalados, o que permite estabelecer eixos visuais com a natureza, criando uma composição visual entre o edifício, a natureza e os utilizadores. O vazio permite ainda que a circulação entre volumes seja circular, bem como uma maior exposição solar e articulação do edifício com o terreno.

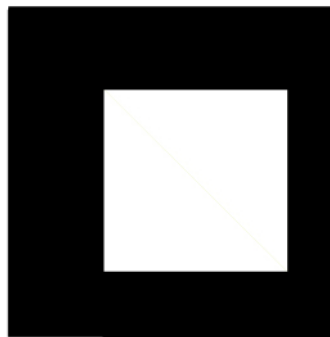


Figura 57 - Esquema de cheio e vazio

O cheio perimetral é projectado em duas alturas. O piso rés-do-chão pretende a conexão visual livre criando a sensação de continuidade entre o interior do edifício e o exterior a natureza. Todos os alçados ao nível do solo são em painéis de vidro transparente que permitem observar: do exterior para o interior as actividades em curso, os diferentes espaços e os artistas a trabalhar; do interior para o exterior a natureza, as pessoas a circular dentro e fora do edifício.

No primeiro piso, os alçados são cegos. Já no perímetro externo do edifício e no perímetro interno, os alçados são completamente abertos. Este jogo de fechado e aberto é influenciado pelo tipo de utilização interna. Assim, nos alçados cegos localizam-se espaços de circulação privada, galerias de arte, instalações sanitárias. No perímetro interno os alçados são abertos para o vazio central para que os residentes mantenham a relação visual com a natureza. Neste piso localizam-se também os dormitórios, espaço individual que necessita de privacidade. Para tal as copas dos pinheiros permitem a quebra de possíveis eixos visuais nos dois pisos (Figura 58).

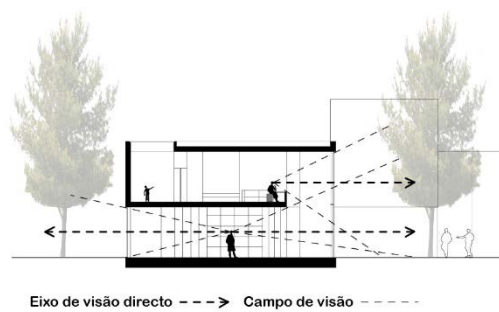


Figura 58 - Corte esquemático - eixos visuais

A composição geométrica, em planta, estabelece a relação entre dois quadrados. O primeiro, de maior dimensão, delimita o perímetro externo da implantação do edifício. Contrariamente, o quadrado de menor dimensão delimita o perímetro interno da implantação.

Na visão tridimensional, a composição é assumida por elementos geométricos (cubo, triângulo invertido e semicírculo), que referenciam as entradas entre volumes e estabelecem a simbiose entre objecto e o residente no momento da transição. As formas geométricas interpretadas de maneira simbólica estabelecem relação com o campo das artes, pretende-se assim reforçar a caracterização do edifício (Figura 59).

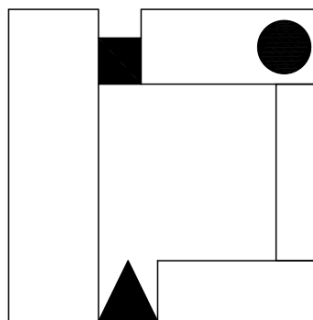


Figura 59 - Composição geométrica

O percurso pedonal que liga a proposta de intervenção urbana ao edifício de Residências Artísticas Temporárias é marcado pelo alinhamento do eixo viário da rua Sidónio Pais. À medida que se percorre em direção ao edifício, avança-se para o ambiente de floresta. Chegando ao edifício, uma grande claraboia marca o primeiro momento de paragem. Este espaço de paragem foi idealizado pela amplitude vertical e pela luz zenital, pretende-se assim um espaço receptivo informal, no qual promova aos utilizadores uma observação vertical, causando uma sensação de amplitude e leveza, (Figura 60).

4.2.4 Refeitório

O Refeitório localiza-se junto à entrada sul, com uma área de cento cinquenta e quatro metros quadrados. Este espaço foi concebido de forma a promover o convívio entre artistas e visitantes. Internamente, o espaço divide-se em duas partes, as zonas de refeição e confeição. As valências empregues ao espaço foram a capacidade de estabelecer relações visuais com a envolvente natural, a amplitude e organização espacial, que permite a fácil circulação em qualquer ponto do refeitório, a possibilidade de aumentar ou diminuir o número de lugares sentados e o tipo de mobiliário usado que promove a reunião de pessoas.

Uma particularidade pensada para o espaço foi a colocação do tecto falso a 3 metros de altura nas zonas de refeição, de maneira atenuar a propagação do som de pessoas e dos equipamentos da cozinha. Ainda na cozinha, optou-se abrir o tecto através de um triângulo vazado para apoiar na iluminação zenital e na extração de fumos e odores. A colocação da zona de confeição ao centro do edifício pretende distribuir o número de pessoas de forma equilibrada pelo espaço (Figura 60).

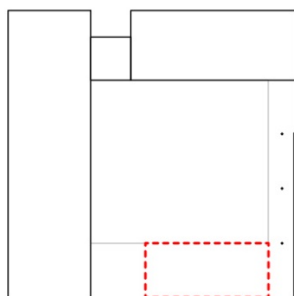


Figura 62 – Refeitório

4.2.5 Sala coworking e ateliers comunitários

Numa visão de trabalho colaborativo entre artistas de diferentes áreas, o projecto visa uma sala de *coworking* que proporciona aos residentes um espaço de trabalho que se pretende descontraído e informal. A sala tem uma área total de noventa e seis metros quadrados e pode ser dividida através de uma divisória em fole de painéis de madeira em duas áreas. Desta forma, a separação permite um espaço formal com trinta metros quadrados para reuniões ou outras actividades de curta duração que necessitam de privacidade, idealiza-se a restante área de *coworking* mobilada e decorada com peças feitas por artistas residentes, reforçando a intenção de laços afetivos entre o espaço e o artista. Os seis ateliers comunitários destinam-se ao uso exclusivo dos residentes para produções de conteúdos artísticos. A capacidade máxima é para 18 pessoas a trabalhar em simultâneo, tendo uma área quinhentos e vinte e dois metros quadrados, que permite a flexibilidade espacial, favorecendo a mobilidade de pessoas e no transporte de materiais ou objectos.

A circulação aos ateliers faz-se por corredores laterais junto ao alçado oeste e alçado este do volume 2, promovendo uma aproximação física e visual aos ateliers e a conexão visual com a floresta.

A organização dos ateliers em dupla permite a conexão visual e a comunicação entre artistas. Contudo, os ateliers são separados por uma bancada de trabalho que disponibiliza tomadas elétricas, uma torneira de água quente e fria integrada num lava loiça de uma cuba. Por baixo de cada bancada existem módulos portáteis com gavetas, onde os artistas tem ao dispor ferramentas de carpintaria, serralharia e outros equipamentos elétricos. A separação entre cada dupla de ateliers faz-se por móveis que permitem a arrumação dos materiais, ferramentas, objectos pessoais dos artistas.

Os ateliers encontram-se orientados de nascente a poente. Deste modo e atendendo ao contexto de floresta, pretende-se uma maior exposição solar nestas áreas de trabalho, sabendo à partida que no piso térreo a exposição à luz é menor. Assim, idealizou-se no alçado este do volume 2, onde se localizam os ateliers um grande vão de 6 metros de altura por 25 metros de comprimento em painéis de vidro transparente que permita receber a luz de nascente,

Por fim, referir que internamente se concebeu junto à fachada um duplo pé direito, para que a luz se projete na diagonal diretamente para os ateliers.

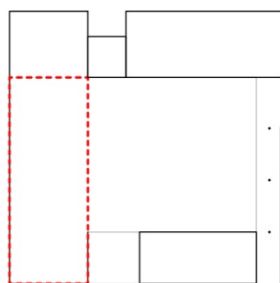


Figura 63 - Ateliers Comunitários

4.2.6 Instalações Sanitárias

Seguindo as recomendações do guia “Acessibilidade e Mobilidade para Todos”, a organização do espaço desenvolve-se pela colocação de louças sanitárias de forma a permitir a rotação 360° de uma pessoa em cadeira de rodas. No acesso às sanitas dimensionou-se um espaço lateral com uma largura mínima de 90 cm juntamente com a colocação de barras de apoio para permitir a colocação da cadeira de rodas e o movimento de transição. Atendendo às diferentes necessidades de mobilidade, optou-se por sanitas suspensas que permitam a passagem dos pés até 10 cm para facilitar o movimento de rotação, como a escolha por lavatórios suspensos de canto que libertam o espaço.

Nas zonas de duche, preveu-se a colocação de barras de apoio para o movimento de transição da cadeira de rodas para o banco de duche. As bases de duche são em resina texturada com 1 metro de largura, proporcionando uma largura confortável para movimentos de entrada e saída, o material escolhido é antiderrapante. Sendo que as instalações sanitárias do primeiro piso integram duches, teve-se em atenção à extração de vapores, desenhando-se aberturas no tecto falso que canalizam os

vapores e odores até às claraboias ventiladas localizadas na cobertura do edifício. Nas instalações sanitárias do rés-de-chão, a extração é mecânica, sendo canalizada para as courette técnicas.

Sendo as instalações sanitárias espaços privados que necessitam de privacidade, foram projectados pequenos halls que distribuem as pessoas, delineados por painéis de vidro fosco que permitem passar luz natural, mas desfocam as pessoas, criando assim um filtro visual entre os corredores de circulação laterais e o interior dos halls. Nos acessos interiores, segundo o guia “Acessibilidade e Mobilidade para Todos” as portas de batente podem ter de largura mínima 80cm de vão livre, contudo no projecto optou-se pela medida de 85 cm de vão livre, medida suficiente e confortável para a passagem de pessoas com qualquer tipo de limitação motora.

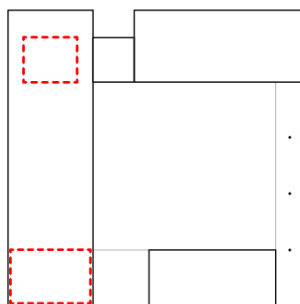


Figura 64 - Instalações Sanitárias

4.2.7 Dormitórios

Os Dormitórios desempenham um papel fundamental para o funcionamento no edifício de Residências Artísticas Temporárias, pois sem o espaço de acomodação dificilmente era possível atrair artistas para se fixarem neste território.

Cada dormitório tem uma área de vinte e três metros quadrados e cinquenta centésimas de metro quadrado, permitindo alojar até 3 pessoas. Contudo definiu-se a capacidade máxima de alojamento para 18 pessoas. A colocação dos dormitórios no primeiro piso, em cima dos ateliers contribui na conexão espacial através do duplo pé-direito junto ao alçado este do volume 2, que permite também a privacidade pelo afastamento altimétrico e pelas copas dos pinheiros que quebram possíveis eixos visuais com o exterior.

A orientação e acesso aos quartos é feita de poente para nascente. Desta forma, beneficia-se da entrada de luz natural nascente, através do vão este e a comunicação visual com a paisagem natural.

Os dormitórios são espaços privativos que recebem artistas diversos. Tomou-se como premissa a adaptação de cada dormitório às diferentes necessidades dos residentes, idealizando-se módulos de mobiliário portáteis que podem ser retirados ou anexados dentro do dormitório. Desta forma, os residentes podem escolher e organizar o dormitório da forma que acharem mais apropriada às suas necessidades.

Foram desenvolvidos de modo genérico 5 módulos portáteis: módulo de roupeiro, módulo de cama rebatível, módulo de mesa de cabeceira, módulo de sofá e módulo kit de cozinha, todos eles visam a praticidade, a rápida substituição e manutenção.

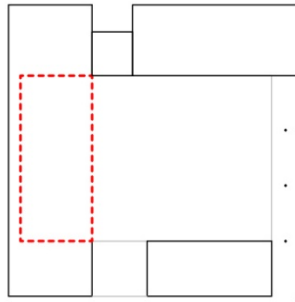


Figura 65 – Dormitórios

4.2.8 Sala Polivalente

A sala polivalente localiza-se no volume 3, tem duzentos e quarenta e oito metros quadrados e destina-se ao uso genérico para diferentes actividades culturais, exposições, workshops, formações, conferências, festas temáticas abertas ao público em geral. O espaço pode ser dividido por cortinas ou paredes móveis, o que permite a diferente articulação de actividades a decorrer em simultâneo. Assim, as divisões no espaço serão dimensionadas de acordo com o tipo de actividade e o número de intervenientes. Pretende-se desta forma potencializar o uso deste espaço.

Junto ao acesso à Sala Polivalente, posiciona-se uma rampa circular que liga ao primeiro piso. Este acesso pedonal foi desenhado como o elemento que marca visualmente a entrada no edifício para pessoas visitantes.



Figura 66 - Sala Polivalente

4.2.9 Galeria para exposições temporárias

Embora o principal objectivo do edifício de Residências Artísticas Temporárias seja proporcionar aos artistas espaços de trabalho e alojamento, torna-se oportuno permitir aos artistas expor alguns dos

seus trabalhos. Nesse raciocínio, criou-se no primeiro piso do volume 3 e 4 uma galeria para exposições temporárias com uma área total duzentos e setenta e dois metros quadrados. Este espaço permite aos diferentes artistas terem oportunidade de expor no período em que se encontram alojados, contribui-se também para a afluência de visitantes à aldeia de Foros de Arrão, numa perspectiva estratégica de turismo cultural.

A iluminação natural na Galeria é obtida pelo vazio central na orientação sul e poente. A intenção por esta orientação solar considerou o contexto natural de pinheiros que limitam a projecção da luz diretamente na galeria, tornando-a ténue e ainda para ter maior duração de exposição solar.

4.2.10 Acessos Verticais

Os acessos verticais são espaços de ligação entre pisos para movimentos transitórios de curta permanência. Assim sendo, estes forma posicionados a norte, numa área do edifício de exposição solar diminuta, comparativamente com os outros espaços e onde ocorra pouca concentração de pessoas, de modo a facilitar os movimentos transitórios.

O bloco de acessos verticais divide-se separadamente pela caixa de escada e ascensor. A escada foi projectada em ferro com os degraus quinados, dimensionada com 1.50 m de largura. O espaço livre de circulação é de 1.40m, os degraus com 30cm de cobertor por 17cm de espelho e o corrimão eleva-se 65cm dos degraus. Estas dimensões permitem a instalação de uma plataforma de escadas de acesso directo, a fim de facilitar no acesso para pessoas com mobilidade reduzida.

O ascensor pretendido para a proposta tem no interior do habitáculo 1.50m de comprimento por 1.40m de largura, podendo levar até 4 pessoas ou 450 quilos e funcionando com o sistema “VPL-Hybrid Lift”, que utiliza um cilindro hidráulico para a elevar o habitáculo do ascensor. Este sistema não necessita de um espaço na cobertura do edifício para a colocação do contrapeso ou da máquina de tracção, “libertando” o alçado norte e aligeirando a volumetria do edifício.

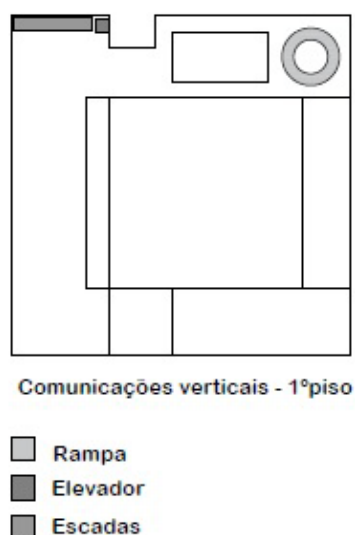


Figura 67 - Acessos verticais

5 Conclusões

O tema de Residências Artísticas Temporárias no âmbito da arquitectura parece estar pouco abordado, menos ainda quando aplicado em contextos territoriais de baixa densidade, aliado à problemática do despovoamento. Neste sentido, a presente dissertação visa ser um contributo académico para futuras investigações e projectos.

O despovoamento tem desequilibrado o território nacional, e muito particularmente na região do Alentejo. Como consequência deste fenómeno, verifica-se uma reduzida oferta de emprego em sectores secundários e terciários e reduzida oferta de serviços ou bens, o que leva ao aumento da migração de pessoas.

À luz do problema do despovoamento em Foros de Arrão, foi extremamente desafiador intervir com uma proposta de re-activação territorial que visa a criação de novas dinâmicas urbanas e culturais que permitam, por sua vez, o estabelecimento de pessoas na aldeia, mesmo que em modo temporário. Posto isto, foram definidos dois momentos chave de intervenção.

À escala urbana, desenvolveu-se a requalificação de uma área desocupada, mas marcada por elementos simbólicos que não estabelecem actualmente qualquer relação entre si, mas que se pretende ligar, através de um percurso pedonal e agregando novos espaços (a Eira, o Espaço Interpretativo, a Praça, o Posto Regional) com o objectivo proporcionar aos habitantes um espaço público onde possam desenrolar práticas sociais, desportivas e culturais.

À escala do projecto de arquitectura, desenvolveu-se um edifício para Residências Artísticas Temporárias, num contexto de produção de arte em rede, contribuindo para a construção de dinâmicas culturais que permitam o estabelecimento temporário de artistas, contribuindo por sua vez para a dinamização do território. O projecto de Residências Artísticas Temporárias passa por encorajar os artistas na criação, na produção e na exposição das artes, mas também apoiar na dinamização da aldeia enquanto espaço de atracção cultural.

O projecto de intervenção em Foros de Arrão tem vindo a ser desenvolvido desde 2017, tendo o projecto passado por muitas vicissitudes. Em 2017, o projecto teve como tema “Projecto Social para a concepção de um espaço verde em Foros de Arrão”. Pretendia desenvolver a criação de uma metodologia que envolvia a população de Foros de Arrão na concepção de um projecto comunitário. Mais tarde, em 2018, o projecto teve como tema “Proposta para um espaço público em Foros de Arrão”. Pretendia desenvolver uma proposta de espaço público que iria requalificar a área de intervenção que abordamos nesta dissertação no capítulo 2.1.3..

Em ambos os temas, tinham como principal premissa intervir no território de modo a criar dinâmicas que atenuassem o problema do despovoamento em Foros de Arrão. Embora tenham sido 2 temas muito aliciantes e motivadores, nunca foi possível concluir, porque o autor não teve a disponibilidade necessária para consolidar a proposta.

Contudo, nesses dois anos foi desenvolvido trabalho de investigação, pesquisas, análises de projecto, análise urbana, desenhos e propostas de intervenção. Toda esta informação reunida foi fundamental para a consolidação do projecto de Residências Artísticas Temporárias.

Todos estes anos de trabalho abordando a problemática do despovoamento representam um processo que agora termina. Todas as fases de trabalho foram cruciais no desenvolvimento do projecto, contudo, a fase mais gratificante foi a recolha de informações junto da população de Foros de Arrão. Das conversas informais foi possível registar dados e informações sobre a aldeia que apenas era transmitido oralmente de geração em geração, este trabalho veem assim documentar algumas dessas informações.

O projecto contribuiu e enriqueceu a formação do seu autor através dos processos metodológicos utilizados, através do relacionamento directo com o território e com a população, o que permitiu desenvolver novos caminhos projectuais e compreender o modo de intervir no território de uma forma criteriosa.

6 Bibliografia

ArchDaily. (2014, janeiro 07). Parque Bicentenário Infantil / ELEMENTAL. *ArchDaily Brasil*. Consultado em 02 agosto 2020. Disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/01-166614/parque-bicentenario-infantil-slash-elemental>

ArchDaily, (2013, novembro 05). Parque Red Ribbon / Turenscape (2013, novembro 05). *ArchDaily Brasil*. Consultado em 02 agosto 2020. Disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/01-156629/parque-red-ribbon-slash-turenscape>

ArchDaily. (2015, dezembro 01). Parque Ribeiro do Matadouro / Oh!Land studio. *ArchDaily Brasil*. Consultado em 02 agosto 2020. Disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/778055/parque-ribeiro-do-matadouro-oh-land-studio>

Aureli, P. V.; Tattara, M. (2015). *Communal villa: production and reproduction in artist´s housing*. (1ª edição). Leipzig, Spector Books.

Aureli, P. V.; Tattara, M. (2018). Communal Villa. Producción y reproducción en viviendas para artistas. *ARQ (Santiago)*, 98, 44-53. Consultado em 02 agosto 2020. Disponível em <https://dx.doi.org/10.4067/S0717-69962018000100044>

Corbett, R. (2015). A German Artist Colony, Suspended in Time, Stakes a Place in the Contemporary Scene. *The New York Times Style Magazine*, s/p. Consultado em 16 abril 2020. Disponível em <https://www.nytimes.com/2015/08/20/t-magazine/worpswede-artist-colony-germany.html>

Chambel, J. (2007) As necessidades da Aldeia, In “*Voz da Charneca*”, 45, 1 – 8.

Cultura, A. N. (2017, abril 15). Moinho de Vento de Foros de Arrão. [Ficheiro em vídeo]. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=KBrurZeUOYw>

Díaz, F. (2018, abril). Communal Villa. Producción y reproducción en viviendas para artistas. *ARQ*, 98, 44-53.

Europeia, C. (2014). *EU Policy Handbook on Artists' Residencies, European Agenda for Culture: Work Plan for Culture 2011-2014*. [Versão electrónica]. Consultado em 29 ago. 2020. Disponível em https://ec.europa.eu/assets/eac/culture/policy/cultural-creative-industries/documents/artists-residencies_en.pdf

Hidden Architecture. (2017, dezembro 03). Communal villa. *Hidden Architecture*. Consultado em 12 março 2020. Disponível em <http://hiddenarchitecture.net/communal-villa/>

INE. (1991). *Resultados definitivos, região Alentejo*. Lisboa, Portugal: INE, Instituto Nacional de Estatística. Consultado em 08 junho 2020. Disponível em https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=65588377&PUBLICACOESmodo=2

INE. (2011). *Resultados definitivos, região Alentejo*. Lisboa, Portugal: INE, Instituto Nacional de Estatística. Consultado em 08 junho 2020. Disponível em https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine_censos_publicacao_det&contexto=pu&PUBLICACOESpub_boui=156654102&PUBLICACOESmodo=2&selTab=tab1&pcensos=61969554

Lehman, K. (2017). *Conceptualising the value of artist residencies: A research agenda*. Consultado em 29 ago. 2020. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/318418782_Conceptualising_the_value_of_artist_residencies_A_research_agenda

Lusa, A. (2020, agosto 04). Turismo no interior com maior procura do que em 2019. *Sapo*, s/p. Consultado em 02 setembro 2020. Disponível em <https://eco.sapo.pt/2020/08/04/turismo-no-interior-com-maior-procura-do-que-em-2019/>

Mata, A. (2012). *Município de Ponte de Sor: encontro de memórias*. (1ª edição). Ponte de Sor: Município de Ponte de Sor.

Moraes, M. (2009). *Residência artística: ambientes de formação, criação e difusão*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Faculdade de Arquitectura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.

Novais, P. (2018, dezembro 12). A aldeia da Lousã voltou a ganhar vida à boleia de um sonho e com ajuda do turismo. *Observador*, s/p. Consultado em 29 agosto 2020. Disponível em <https://observador.pt/2018/12/12/aldeia-da-lousa-voltou-a-ganhar-vida-a-boleia-de-um-sonho-e-com-ajuda-do-turismo/>

Ochoa, R. (2011). *Cidade e frente de água: papel articulador do espaço público*. Barcelona: Universitat de Barcelona.

Presidência do Conselho. (1943). *Mapa definitivo das obras de escolas primárias: Plano dos centenários*. Lisboa: Impr. nacional.

RTP. (2017, abril 06). *Agora Nós: Moinho de Vento de Foros de Arrão*. [Programa de Televisão]. Disponível em <https://www.rtp.pt/play/p3027/e282453/agora-nos/567999?fbclid=IwAR1b0TZeIedT8MaLBhTUQWTchfpCfBxIXDike-n7R77BJ68zBaA6UTrsOX>

RTP. (2017, jun. 07). *Fronteiras XXI: Do Campo para as Cidades* [Programa de Televisão]. Disponível em <https://www.rtp.pt/play/p3189/e292593/fronteiras-xxi>

Souza, Eduardo. (2013, agosto 02). Clássicos da Arquitetura: Parc de la Villette / Bernard Tschumi. *ArchDaily Brasil*. Consultado em 11 Set 2020. Disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/01-160419/classicos-da-arquitetura-parc-de-la-villette-slash-bernard-tschumi>

Teles, M.; Ferreira, L.; Oliveira, M.; Pais, A.; Martins, B. (2007). *Guia: Acessibilidade e Mobilidade para Todos*. [Versão electrónica]. Consultado em 07 setembro 2020. Disponível em <http://www.inr.pt/documents/11309/59516/Acessibilidade+e+mobilidade+para+todos/69ec738b-10a8-40e0-9370-e6aa9d8cf395>

UMVI. (2016, janeiro 14). *Implementação, acompanhamento e monitorização* [Versão electrónica]. Consultado em 02 junho 2020. Disponível em <https://www.portugal.gov.pt/pt/gc21/governo/programa/programa-nacional-para-a-coesao-territorial-/ficheiros-coesao-territorial/programa-nacional-para-a-coesao-territorial-implementacao-acompanhamento-e-monitorizacao-pdf.aspx>

Zêzere, A. (2017). *A revisitação do inquérito à arquitectura popular em Portugal: o concelho de Ponte de Sor*. Dissertação de mestrado em Arquitectura, Faculdade de Arquitectura e Artes, Universidade Lusíada de Lisboa.

Fontes de internet

<https://resartis.org>

(Resartis – Worldwide Network of Arts Residencies)

<https://realismworkinggroup.org>

(Realism Working Group)

<http://www.dogma.name/projects-list/>

(DOGMA)

<http://www.tschumi.com/projects/3/#>

(Bernard Tschumi Architects)

<http://grupodancasetradicoesdaafati.blogspot.com/>

(AFATI)

<https://www.turenscape.com/en>

(Turenscape)

<https://dioceseevora.pt/>

(Diocese de Évora)

<http://vozdacharneca.blogspot.com/>

(Voz da Charneca)

Legislação

Resolução do Conselho de Ministros n.º 160/2004 de 8 de Novembro. *Diário da República n.º 262/2004, Série I-B*. Lisboa: Presidência do Conselho de Ministros.

Resolução do Conselho de Ministros n.º 180/95 de 27 de Dezembro. *Diário da República n.º 297/1995, Série I-B*. Lisboa: Presidência do Conselho de Ministros.

Decreto-lei n.º 93/90 de 19 de Março. *Diário da República n.º 65/1990, Série I*. Lisboa: Ministério do Planeamento e da Administração do Território.

Decreto-lei n.º 166/2008 de 22 de Agosto. *Diário da República n.º 162/2008, Série I*. Lisboa: Ministério do Ambiente do Ordenamento do Território e do Desenvolvimento Regional.

Acta Municipal n.º 02/06 de 11 de Janeiro. *Câmara Municipal de Ponte de Sor*. Ponte de Sor: Assembleia Municipal de Ponte de Sor.

Acta Municipal de Ponte de Sor n.º 07/09 de 18 de Fevereiro. *Câmara Municipal de Ponte de Sor*. Ponte de Sor: Assembleia Municipal de Ponte de Sor.

Câmara Municipal de Ponte de Sor. (2018). Plano Director Municipal.

Disponível em: https://www.cm-pontedesor.pt/wp-content/uploads/08-regulam-actualiz-pdm_jun-2018.pdf, consultado a 03/08/2020

Câmara Municipal de Chamusca. (2016). Plano Director Municipal.

Disponível em: <http://websig.cm-chamusca.pt/websig/v5/portal2/public/index.php?par=chamusca&module=pdm&lang=pt&extent=-69427.719632131,-68439.32256441,27423.842816213,-20500.844799098&projection=27492>, consultado a 03/08/2020

7 Apêndices

Apêndice I – Registo comparativo de serviços e comércios activos e encerrados.

Fonte: Elaborado pelo autor

Metodologia: observação directa e conversas informais com populares



Apêndice I

Apêndice II – Inventário de residências artísticas em Portugal inscritas até 13 de setembro de 2020 na plataforma Resartis.

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir das informações disponíveis no site Resartis.

Residências Artísticas em Portugal



Yantra - Porto



Arterra - Tondela



Fundação Gerrit Komrij House - Vila Pouca da Beira



Cerveira - Casa da Criatividade - Lousã



Residência LaJunqueira - Lisboa



Hangar/Centro de Pesquisa Artística - Lisboa



Euroatla - atlastudio - Lisboa



PADA - Barreiro



Cortéx Frontal - Arraiolos



Fundação Obras - Estremoz



Vale de Gatos - Évora



Buinho Creative Hub - Aljustrel



Museu Zer0 - Faro



AZAN Space - Lisboa

Apêndice II

Residência artística “Yantra”

Fotografia

Identificação:

o. Yantra

Localização: Porto

Contexto: Urbano

Ano de fundação: 2017



Nº de ateliers: 3

Tempo de permanência: de 2 meses a 4 meses

Nº máx. de pessoas em alojamento: 3

Espaços e elementos de apoio ao alojamento de artistas:

- Apartamento compartilhado
- Sala privada /quarto
- Cozinha
- Internet
- Espaço de exibição
- Espaço para dança e teatro
- Biblioteca
- Estúdio de gravação
- Instrumentos musicais
- Trabalho em rede

Acessibilidades para pessoas com mobilidade reduzida:

Não

Companheiros permitidos:

Não

Disciplinas artísticas:

- Artes Visuais
- Dança
- Teatro
- Artes performáticas
- Música
- Novas Mídias
- Programas educacionais

Residência artística “Cerdeira – Casa da Criatividade”

Fotografia

Identificação:

3. Cerdeira – Casa da Criatividade

Localização: Lousã

Contexto: Rural

Ano de fundação: 2013



Nº de ateliers: 1

Tempo de permanência: de 2 dias a 2 semanas

Nº máx. de pessoas em alojamento: 11 a 16

Espaços e elementos de apoio ao alojamento de artistas:

- Quarto compartilhado
- Apartamento compartilhado
- Cabana/ Casa privada
- Espaço de exibição
- Biblioteca
- Instalações cerâmicas
- Cozinha
- Internet
- Ferramentas para madeira
- Ferramentas para metais
- Assistência técnica
- Trabalho em rede

Acessibilidades para pessoas com mobilidade reduzida:

Não

Companheiros permitidos:

Parceiros
Crianças
Animais de estimação

Disciplinas artísticas:

- Escultura
- Artes Visuais
- Cerâmica
- Dança
- Teatro
- Artes performáticas
- Música
- Literatura
- Gravura
- Arte Têxtil
- Arquitetura
- Programas educativos
- Fotografia

Residência artística “LaJunqueira”

Fotografia

Identificação:

4. Residência
LaJunqueira

Localização: Lisboa

Contexto: Urbano

Ano de fundação: 2018



Nº de ateliers: 2

Tempo de permanência: 3 meses

Nº máx. de pessoas em alojamento: 1

Espaços e elementos de apoio ao alojamento de artistas:

- Cozinha
- Internet
- Apartamento privado
- Biblioteca
- Jardim

Acessibilidades para pessoas com mobilidade reduzida:

Não

Companheiros permitidos:

Não

Disciplinas artísticas:

- Escultura
- Artes Visuais
- Dança
- Arte Têxtil

Fotografia

Identificação:

5. Hangar/Centro de Pesquisa Artística

Localização: Lisboa

Contexto: Urbano

Ano de fundação: 2009



Nº de ateliers: 5 a 10

Tempo de permanência: de 1 mês a 3 meses

Nº máx. de pessoas em alojamento: 5 a 10

Espaços e elementos de apoio ao alojamento de artistas:

- Apartamento compartilhado
- Sala Privada
- Cozinha
- Internet
- Estúdio compartilhado
- Estúdio privado
- Limpeza
- Espaço de exibição
- Estúdio de gravação de som
- Trabalho em rede
- Serviços promocionais

Acessibilidades para pessoas com mobilidade reduzida:

Não

Companheiros permitidos:

Parceiros
Crianças

Disciplinas artísticas:

- Artes Visuais
- Música
- Programas educacionais
- Curatorial
- Fotografia

Residência artística “Euroatla – atlastudio”

Fotografia

Identificação:

6. Euroatla - atlastudio

Localização: Lisboa**Contexto:** Urbano**Ano de fundação:** 2015**Nº de ateliers:** 1**Tempo de permanência:** de 1 mês a 3 meses**Nº máx. de pessoas em alojamento:** 1**Espaços e elementos de apoio ao alojamento de artistas:**

- Sala privada
- Cozinha
- Internet
- Apartamento privado

Acessibilidades para pessoas com mobilidade reduzida:

Não

Companheiros permitidos:

Parceiro

Disciplinas artísticas:

- Escultura
- Artes Visuais
- Cerâmica
- Dança
- Artes performáticas
- Arte têxtil
- Literatura

Residência artística “AZAN Space”

Fotografia

Identificação:

7. AZAN Space

Localização: Lisboa**Contexto:** Urbano**Ano de fundação:** 2016**Nº de ateliers:** 3**Tempo de permanência:** de 1 mês a 6 meses**Nº máx. de pessoas em alojamento:** 1**Espaços e elementos de apoio ao alojamento de artistas:**

- Sala privada
- Cozinha
- Internet
- Limpeza
- Estúdio Compartilhado
- Espaço de exibição
- Trabalho em rede
- Serviços Promocionais

Acessibilidades para pessoas com mobilidade reduzida:

Não

Companheiros permitidos:

Não

Disciplinas artísticas:

- Arte Visual
- Escultura
- Artes performativas
- Arte têxtil
- Dança

Residência artística “PADA”

Fotografia

Identificação:

8. PADA

Localização: Barreiro

Contexto: Urbano

Ano de fundação: 2018



Nº de ateliers: 5 a 10

Tempo de permanência: de 1 mês a 3 meses

Nº máx. de pessoas em alojamento: 5 a 10

Espaços e elementos de apoio ao alojamento de artistas:

- Alojamento privado
- Sala privada/quarto
- Cozinha
- Internet
- Limpeza
- Bicicletas
- Biblioteca
- Espaço para alojamento de parceiros e animais de estimação
- Espaço de exibição
- Ferramentas para madeira
- Assistência técnica
- Trabalho em rede

Acessibilidades para pessoas com mobilidade reduzida:

Não

Companheiros permitidos:

Parceiro
Crianças
Animais de estimação

Disciplinas artísticas:

- Arte Visual

Residência artística “Cortéx Frontal – Residência de Arte e Investigação”

Fotografia

Identificação:

9. Cortéx Frontal –
Residência de Arte e
Investigação

Localização: Arraiolos

Contexto: Rural

Ano de fundação: 2014



Nº de ateliers: 4

**Tempo de
permanência:** de 3
semanas a 3 meses

**Nº máx. de pessoas
em alojamento:** 4

Espaços e elementos de apoio ao alojamento de artistas:

- Apartamento compartilhado
- Sala privada/quarto
- Cozinha
- Internet
- Bicicletas
- Estúdio privado
- Espaço de exibição
- Espaço para dança/teatro
- Biblioteca
- Instalações cerâmicas
- Instalações de impressão
- Serviços promocionais

Acessibilidades para pessoas com mobilidade reduzida:

Não

Companheiros permitidos:

Parceiro
Crianças

Disciplinas artísticas:

- Arte Visual
- Escultura
- Artes performativas
- Arte têxtil
- Cerâmica
- Teatro
- Música
- Literatura

Fotografia

Identificação:

12. Buinho Creative Hub

Localização: Aljustrel

Contexto: Rural

Ano de fundação: 2015



Nº de ateliers: 5

Tempo de permanência em alojamento: de 2 semanas a 3 meses

Nº máx. de pessoas: 5

Espaços e elementos de apoio ao alojamento de artistas:

- Sala privada
- Cozinha
- Internet
- Apartamento compartilhado
- Limpeza
- Bicicletas
- Biblioteca
- Ferramentas de Soldagem
- Ferramentas para metais
- Ferramentas para madeira
- Assistência técnica

Acessibilidades para pessoas com mobilidade reduzida:

Não

Companheiros permitidos:

- Parceiro
- Crianças
- Animais de estimação

Disciplinas artísticas:

- Arte Visual
- Escultura
- Artes performativas
- Arte têxtil
- Música
- Literatura
- Novas Mídias
- Animações

Residência artística “Museu Zer0”

Fotografia

Identificação:

13. Museu Zero

Localização: Faro**Contexto:** Rural**Ano de fundação:** 2019**Nº de ateliers:** 1**Tempo de permanência em alojamento:** 2 semanas**Nº máx. de pessoas:** 4**Espaços e elementos de apoio ao alojamento de artistas:**

- Sala privada
- Cozinha
- Internet
- Apartamento compartilhado
- Limpeza
- Bicicletas
- Biblioteca
- Ferramentas de Soldagem
- Ferramentas para metais
- Ferramentas para madeira
- Assistência técnica

Acessibilidades para pessoas com mobilidade reduzida:

Não

Companheiros permitidos:

Não

Disciplinas artísticas:

- Artes Digitais
- Novas Mídias

8 Anexos

Anexo I – Jornal Voz da Charneca, 2007



As necessidades da Aldeia

Quando alguém lhe pergunta "O que faz falta em Foros de Arrão?", muita coisa lhe vem à cabeça, com certeza. Foi esta pergunta que foi colocada a 79 habitantes de Foros de Arrão pelos jovens participantes no

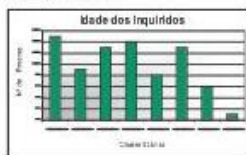
programa "OTL - Ocupação dos Tempos Livres" promovido pelo Instituto Português da Juventude em parceria com a Associação Arrão XXI durante os meses de Julho e Agosto.

O objectivo deste inquérito foi conhecer quais as necessidades da população. Os inquiridos perfazem cerca de 8% da população total da freguesia (994 efectivos residentes) e foi-lhes pedido para apontarem quais as necessidades/lacunas que encontram na freguesia.

O leque de idades dos inquiridos foi variada, conforme se verifica no Gráfico "Idade dos Inquiridos", abrangendo as classes etárias desde os [10.19] até aos [80.89] anos.

Num total de 21 necessidades apontadas pelos inquiridos, houve 6 que se destacaram das restantes. A tabela I resume as necessidades mais votadas pelos 79 habi-

Necessidade	Nº de Votos
1º - Centro de Noite/Lar	65
2º - Centro de Saúde	57
3º - Piscinas	55
4º - Fábricas	49
5º - Jardim Público	49
6º - Melhores Acessos	22



tantes de Foros de Arrão. Convidamos o leitor agora a fazer um exercício que consiste na avaliação de cada necessidade e tentar perce-

ber a razão da sua existência, qual a situação actual e respectivas perspectivas de futuro.

1º - Centro de Noite/Lar



Em primeiro lugar, encontra-se "Centro de Noite/Lar". A freguesia de Foros de Arrão pode ser caracterizada como possuindo uma população "envelhecida". Esta situação é consequência do não rejuvenescimento da população activa, em grande

parte causado pelo êxodo dos mais jovens e até de famílias inteiras para outros locais onde encontram as condições de trabalho e de vida que a sua própria aldeia lhes nega. A migração de famílias provoca um maior isolamento dos mais idosos que

se encontram longe dos seus (à excepção do período de férias e ocasiões festivas), tomando-se assim a segurança e o bem-estar dos mais idosos uma prioridade para todos.

Actualmente, existe a A.F.A.T.I. Associação dos Amigos da Terceira Idade que tem como principal missão o bem-estar da população mais idosa da freguesia. Após mais de uma década de funcionamento, possui hoje em dia várias valências (centro de dia, centro de convívio, apoio domiciliário, entre outros). O seu mais aguardado projecto é a construção de um mini-lar, com a capacidade de 28 camas. Com o terreno para o devido efeito em sua posse, a A.F.A.T.I. espera a concretização desta infra-estrutura para breve, contribuindo assim para a resolução desta necessidade.

2º - Centro de Saúde

A Saúde é um dos elementos essenciais ao bem-estar de qualquer população. No entanto, com o tipo de população que Foros de Arrão possui, como já se referiu, é ainda mais relevante um serviço de saúde eficiente, organizado e, acima de tudo, constante.

Hoje em dia, a população da freguesia possui o serviço disponibilizado na Casa do Povo, o qual inclui o serviço de enfermaria e o atendimento realizado pelo médico de família, em determinados dias da semana. No entanto, é visível que tal servi-

ço é insuficiente para a população da aldeia. A marcação de consultas com dois meses de antecedência por parte dos utentes é um exemplo flagrante do mal funcionamento do serviço. Considerando que a maior parte dos utentes são idosos, o período de dois meses é ainda mais escandaloso dado que é demasiado tempo para se ser consultado pelo seu médico de família sobre qualquer doença que o afflige ou, simplesmente, mostrar resultados de algum exame que o seu médico de família lhe pediu para realizar.

Continua na página 8